



LITERATURA



DESENHO

COLETÂNEA

TALENTOS DO IFCE



FOTOGRAFIA



MÚSICA



**INSTITUTO
FEDERAL**

Ceará

Campus
Limoeiro do Norte

FRANCISCO DE ASSIS SILVA DE ARAÚJO (ORGANIZADOR)

COLETÂNEA

TALENTOS DO IFCE

2ª EDIÇÃO

Presidente da República – Jair
Messias Bolsonaro
Ministro da Educação – Milton
Ribeiro
Secretário de Educação
Profissional e Tecnológica
–Tomás Dias Sant'Ana
Reitor – José Wally Mendonça
Menezes
Pró-reitora de Extensão – Ana
Cláudia Uchôa Araújo
Diretor Geral do Campus
Limoeiro do Norte - Francisco
Valmir Dias Soares Junior
Diretora de Ensino do Campus
Limoeiro do Norte - Mayara
Salgado Silva
Chefe do Departamento de
Bibliotecas – Etelvina Maria
Marques Moreira

Comissão Organizadora -
Francisco de Assis Silva de
Araújo (Coord.)
Nemilla da Silva Brasil
José Neurisberg Saraiva
Maurício
Maria Cristiane Santos da Silva
Costa
Maria Nájela de Oliveira Lima
Mônica Érica Ferreira de Sousa
Cardoso

Revisão Final de Texto -
Francisco Raimundo Sousa
Cardoso
Mônica Érica Ferreira de Sousa
Cardoso
Nemilla da Silva Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
Sistema de Bibliotecas – SIBI

C694

Coletânea Talentos do IFCE [recurso eletrônico]: campus
Limoeiro do Norte / Francisco de Assis Silva de Araújo; Nemilla da Silva
Brasil (Orgs.). – Limoeiro do Norte: IFCE, 2021.

105p. ; il.

Coletânea em comemoração à Semana Nacional do Livro e da
Biblioteca do ano de 2021, realizada pelo Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE - Campus Limoeiro do Norte.

ISBN 978-65-87470-37-5

1. Arte. 2. Literatura. 3 Música. 4. Fotografia. 5. Desenho. 6.
Semana Nacional do Livro e da Biblioteca - Limoeiro do Norte/CE. I.
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE -
Campus Limoeiro do Norte. II. Araújo, Francisco de Assis Silva de; Brasil,
Nemilla da Silva. III. Título.

CDD 700

Bibliotecária responsável: Nemilla da Silva Brasil - CRB - 3/1062

Prefácio

Não seria a Arte a expressão de que nós, humanos, somos humanos? A certeza de que nós sofremos, amamos, sorrimos, choramos, nos apaixonamos e desapaixonamos, vivemos, transcendemos, lutamos, nos revoltamos, sucumbimos e renascemos, todos os dias?

Não seria a Arte capaz de, mesmo que nem todos acreditem, expressar êxtase e dor coletivas, embora nem sempre estejam à flor da pele, pois ficam a vaguar em nossos sentidos, a povoar os nossos sonhos, que tentamos interpretar?

Eu ousou afirmar, como humana, que sou, sinto e interpreto o mundo, que sim. E o que tomo contato através desta obra também é Arte, escrita e rabiscada em muitas imagens fotografadas e desenhadas, crônicas, canções, multiversos, os quais se constituem como folguedos despreziosos, cheios de pretensões... de mostrar ao mundo quão humanos somos.

O que tomo contato através desta Obra é Arte, vinda daqui, vinda d'altures, organizada com um fio imaginário, que nos conduz ao conhecimento do que nós somos enquanto essência: esse tecido costurado a muitas mãos, muitas experiências e muitas sensações.

Portanto, car@ leitor@, veja atentamente cada página. Sinta cada emoção. Perceba e aceite cada releitura do mundo, também como sua. O convite, então, é conhecer um pouco mais de si a partir do outro, seja através das cicatrizes na alma, seja pelas ruidosas gargalhadas, porque é assim que nós nos tornamos cada vez mais humanos.

Vai aqui a certeza de que é na escrita-leitura multiautoral, na polifonia diária e ruidosa da vida, nas aquarelas formadas pelos diversos olhares, que vamos nos constituindo naquilo que nos é mais caro, tangível e palpável: nossa humanidade. Boa leitura de nós através dessa linda obra!

Ana Cláudia Uchôa Araújo
Pró-Reitora de Extensão do IFCE

SUMÁRIO



COMPOSIÇÃO MUSICAL	12
BRUNA HELLEN DE ANDRADE NASCIMENTO - Valsinha Poética	13
EDSON FLORES Tristes Tatuagens	14
EDVÂNIA MOREIRA MAIA Eu não sou diferente de você	16
ELI Ao seu lado	18
FRANCISCO SIONNEY RODRIGUES SILVA Esquecerei	19
GABRIELLE ASTIER DE VILLATTE WHEATLEY OKRETIC Caminando se construye la historia	20
JAMILLE MABEL Triste pôr do Sol	21
JOÃO RICARDO Jesus	23
JOSÉ IVEN COSTA RODRIGUES Sonhei com você	24
MOACI Navegar	25
VIVICKA Ser Bonita	26

DESENHO 27

ALEX LEI Eclampse: Heroínas de Aluguel	28
ALICE GOMES SIQUEIRA	29
ALLAN RODRIGUES MATOS O Despertar da consciência	30
ANA JÉSSICA SIMÃO DOS SANTOS	31
AYSS Sunset room	32
BRENO OLIVEIRA MARINHO Suspiro	33
DANIEL SANCHILIS PEREIRA DE FARIAS AGUIAR Memórias	34
DEDALDINA BOMBO JUTALO ZUA Mumuila	35
ELIUDE DE SENA PIRES Benedito	36
FLÁVIO HENRIQUE BRAGA MENDES A Peste 47-51	37
GABRIEL NICOLAS HOLANDA BARRETO Y-ara, Senhora das Águas	38
HENRIQUE SANTOS Seu Astrogildo em: Mingau de Aveia	39
GABRIELE DOS SANTOS SOUSA Traços de uma Laranja	40
GISLENE LIMA SOARES Natureza purificando o coração	41
JOANA ARILENE BRITO SILVA Ídolo	42
JOÃO FRANCISCO ALEXANDRE DA SILVA Enfado	43

JORGE RAPHAEL FELÍCIO PAZ Quengo em Brasa	44
JOSÉ ISTALONE ARAUJO SOUZA	45
JOSÉ VINICIUS CARNEIRO DE SALES Ragnar - Vikings	46
LET PINHEIRO Auto Retrato no Estilo de Ilustração Infantil	47
LUCIANO MARQUES DA SILVA A Natureza de Nátaly	48
MARIA DAYANE DE ARAÚJO A Inspiradora Anne Shirley Cuthbert	49
MOMO Lilium	50
NIDSON MAIA MACIEL Cartola	51
RAMMUS Anjo caído	52
SARA PEREIRA DE MATOS Minha natureza, tua tocha não apaga	53
TARSILA QUEIROZ TAVARES	54
YASMIN DE SOUSA COELHO Acasos	55
FOTOGRAFIA	56
ALÉM DAS LENTES Entardecer	57
ALICE GOMES SIQUEIRA Iguana	58
ANA GABRIELE DO NASCIMENTO OLIVEIRA Incríveis tons de laranja	59

ANA LUCIA PAIVA DO NASCIMENTO Luzes da natureza	60
ANDRÉA LÍDIA DE SOUSA LEMOS Teia alimentar	61
ANTONIA TELMA DA SILVA SOUSA Paisagem Fotográfica	62
AYSS Espelhos da Alma	63
CLEBER SAM Duas belas orquídeas (<i>Neomarica gracilis</i>) acompanhadas de uma polinizadora (<i>Trigona spinipes</i>)	64
DANIELLI XAVIER DA SILVA Ser tão esperança	65
DAVI MAGALHÃES DE LIMA Admire o simples	66
FRANCISCO ALLYSON CAETANO DA SILVA Gralha-cancã, a voz da caatinga	67
FRANCISCO ISNEY COSTA ALVES O Poço e a casinha de taipa	68
GABRIELE DA SILVA AGUIAR Lua de cactus	69
GABRIELI DE ALMEIDA GURGEL OLIVEIRA O pôr do sol, por trás da casinha	70
GEOVANA SOUSA RAMOS Índios na Amazônia	71
GISLENE LIMA SOARES Falésias do litoral cearense	72
ISAIAS ALVES BRAGA NETO Céu de esperança	73
JOÃO LUIS DA SILVA JUNIOR A Borboleta	74
JOSÉ VINICIUS SOUSA OLIVEIRA Ocaso	75

KAROLINE BRANDÃO DE LIMA OLIVEIRA Moramos na cidade, mas a cidade também mora em nós	76
LYSIANE DOS SANTOS LIMA O Florescer do Urucum	77
MADALENA GLAÊNIA OLIVEIRA LIMA Amor de janela	78
MAILTON NOGUEIRA DA ROCHA Andarilha vespertina	79
MARCIO DA CRUZ MOREIRA A Caminho da fé	80
MARIA CRISTINA BARBOSA DA SILVA Entre espinhos	81
MATTHW VÍTOR A Natureza pode transformar vidas	82
MIVIDEL Gatinho Datilógrafo	83
OXE MININA A Esperança	84
SIRINEU BEZERRA DE OLIVEIRA Narrativas do saber	85
LITERATURA	86
ADRÍCIA ROCHA DE OLIVEIRA Não, eu não tô bêbada	87
ANA MARIA CARVALHO DO NASCIMENTO MENDES Uma estrela para o nosso céu	88
ANA PAULA RODRIGUES RIBEIRO OLIVEIRA A caminhada de um professor	89
ANGINHA POETISA	90
ANTONIA DE JESUS SALES Crônica	92

ANTÔNIO LUCILANE BARBOSA CARNEIRO Desapaixonado	93
A. NOGUEIRA SILVA Paisagem noturna	94
ANTONIO WADAN GOMES CAVALCANTE O Estômago na UTI	95
BEATRIZ DE SOUSA DOS SANTOS Aos quinze	96
BIANCA MELO ASSUNÇÃO ESPINDOLA Ruína Recorrente	97
CARLOS WINSTON GUEDES BEZERRA Homem que é homem, até quando?	98
ELIAHEL LOBO GUARÁ Lamúrias de um cata-vento	99
DIEGO FROTA Votos de ano novo	100
EMANOEL DAYLON LINHARES RODRIGUES Olhar Felino	104
EYSHILA SERENA FERREIRA MOTA Ano Novo	106
FRANCISCO VITOR SOUSA DE CASTRO Devaneios juvenis	107
FRANCO O vento que me leva	108
ISABEL CRISTINA CARLOS FERRO MELO Carta aos poetas	109
JÉSSICA DE SOUSA ANDRADE A vida e seus casulos	110
JOÃO ALISSON TOMÉ DE SOUSA Tão belo Acaraú	114
JOÃO MARCOS DE ARAUJO LIMA Mulher	115

JOSÉ DJAVAN ALVES DE OLIVEIRA Há um vazio	117
JOSÉ BARBOZA Conto	118
KELLY ELLEN SANTIAGO COSTA Caminhos da mente	119
LEILANE LIMA ALMEIDA EVANGELISTA Sobre o Dia dos Professores	121
LUANA MARIANO Carta	123
LYTHEISA INÁCIA DE SOUZA Receita da felicidade	124
MINLY Sonho lúcido	126
MARIA DAMILLY PAZ GONÇALVES Excesso	128
MARIA DO SOCORRO FRANÇA SILVA	130
MARIA ELAIZ BRAZ DA SILVA Um pouco de cordel no coração	131
MARIA LETICIA MESQUITA FROTA Crescer	132
MARIA VIEIRA DA SILVA O sorriso de uma criança	133
MARIANA MADEIRA Uma relação	135
MÁRIO WILSON PAIVA PEREIRA Quando a Pandemia passar	136
MESSIAS PINHEIRO Ser. Sou. Somos	137
NAYANA DE ALMEIDA SANTIAGO NEPOMUCENO Mais essência, menos forma	138

NIDSON MAIA MACIEL Quem me dera	141
PAULA ANDRESSA NASCIMENTO LUCAS Sentir diferente	142
RICARDO CORREIA COSTA A última carta de um imortal	143
SAMARA COSTA Somos instantes	145
VITÓRIA	146
VIVICKA O Artista e a Arte	150

01

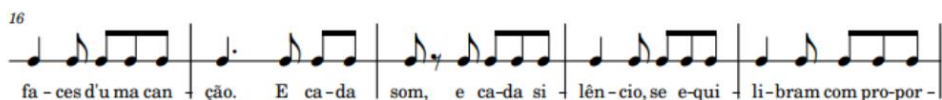
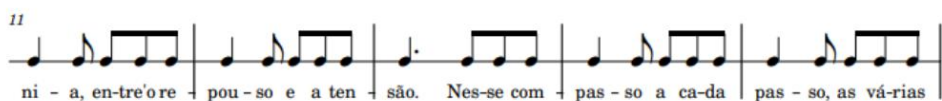
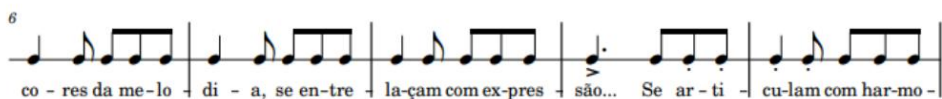
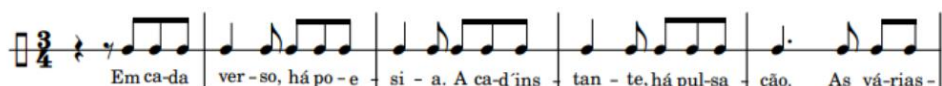
COMPOSIÇÃO MUSICAL



Assista ou escute a música
através dos QR code a seguir

Valsinha Poética

♩ = 116

**Instruções para leitura:**

A fração $\frac{3}{4}$ indica que há 3 tempos em cada compasso, e cada figura possui uma duração sonora. A entonação rítmica da recitação destes versos foi construída pensando no pulso de uma valsa, portanto, para fins de experimentação, recomendo que o/a leitor(a) marque a pulsação com palmas. Este trabalho tem como objetivo ilustrar a prosódia musical, onde os tempos fortes e fracos dos compassos coincidem com a acentuação das sílabas tônicas das palavras.

Tristes Tatuagens

Saiu com um lindo vestido
Pra se encontrar
Com quem pretendia se entregar
Dona do seu corpo
Era o que ela queria
Se libertar
De uma sociedade ruim
Que conserva uma cultura tola
De opressão
De ameaças com armas nas mãos
Que termina em agressão

Mostrou seu lindo sorriso
Depois de olhar
As mensagens do seu celular
De repente do seu rosto caía
Seu coração
Transformado em lágrimas no chão
Que refletem os seus hematomas
E arranhões
Marcas que vão além de manchões
Tatuadas pelas mãos de um covarde

EDSON FLORES



Tristes Tatuagens

**OBSERVAÇÃO: USO DO
CAPOTRASTE NA PRIMEIRA
CASA DO VIOLÃO**

INTRODUÇÃO:

[Em C Am7 B7 Em C
Am7 F#m7(11) B7(b9)]

Em Am7
Saiu com um lindo vestido
D7
Pra se encontrar
G C
Com quem pretendia se entregar
F#m7(b5) B7(b9)
Dona do seu corpo
Em
Era o que ela queria
Am7 D7
Se libertar
G C
De uma sociedade ruim
F#m7(b5) B7(b9) Em
Que conserva uma cultura tola
Am7 D7
De opressão
G C
De ameaças com armas nas
mãos
C#º B7
Que termina em agressão

INTRODUÇÃO:

[Em C Am7 B7 Em
C Am7 F#m7(11)
B7(b9)]

Em Am7
Mostrou seu lindo sorriso
D7
Depois de olhar
G C
As mensagens do seu
celular
F#m7(b5) B7(b9)
Em
De repente do seu rosto
caía
Am7 D7
Seu coração
G C
Transformado em lágrimas
no chão
F#m7(b5) B7(b9)
Em
Que refletem os seus
hematomas
Am7 D7
E arranhões
G C
Marcas que vão além de
manchões
C#º B7 Em
Tatuadas pelas mãos de
um covarde

EDSON FLORES



Eu não sou diferente de você

G F C
Eu não sou diferente de você

G F C G
Tenho sonhos, ideais, luto
pela igualdade

G
Quero amor e amizade

F
Quero oportunidade

C G
Quero sentir a liberdade, e ser
feliz de verdade

G F
Enquanto o preconceito entre
G
nós ainda existir, a nossa
G
humanidade não
irá evoluir

G F C
G
Porque somos todos iguais,
ninguém é melhor que
ninguém

G F C
Não podemos classificar as
pessoas

G
Como objetos

G
Eu posso, eu sou capaz

F
Você pode e é capaz

C
O mundo precisa ver

G
Pois assim vai aprender

G
A viver sem preconceito

F
Potencializar o respeito

C G
E ver que a diversidade é a
beleza da vida



Eu não sou diferente de você

♩ = 90
Andante

MELODIA: JOSÉ MARCOS JANIÊ BARBOSA NÉO

The musical score is presented in ten staves of music. The first staff begins with a treble clef, a common time signature (C), and a key signature of one flat (Bb). The tempo is marked 'Andante' with a quarter note equal to 90 beats per minute. The melody consists of eighth and quarter notes, with some rests. The accompaniment features a steady eighth-note pattern. The piece concludes with a double bar line and repeat dots.

EDSON FLORES



Ao seu lado

Olha só você (Só você)
Trancada outra vez
No seu quarto no escuro
Com seus livros e seus sonhos
Sem saber pra onde ir
Deixando a vida carregar
Estarei ao seu lado
Quando o sol não aparecer e você chover
Estarei ao seu lado
Mesmo quando não parecer e você não ver

Olha só você (Só você)
Tentando voar outra vez
Se você soubesse
O bem que você me faz
E tudo que você me traz
Eu sei que o mundo
Às vezes é ruim e pode machucar
Mas viver é tentar
Viver é tentar não sofrer
E eu vou estar
Eu vou estar com você

Estarei ao seu lado
Estarei ao seu lado
Estarei ao seu lado
Estarei ao seu lado



Esquecerei

Eu queria beijar
Seus lábios de mel
Em seu corpo rolar
Me sentiria no céu

Por você eu briguei
E enfrentei furacão
Hoje choro sozinho
Somente com a solidão

**Mas te esquecerei, esquecerei
E serei muito feliz
Entregarei a outra
Todo que você não quis**

Eu vou seguir meu caminho
Seja ele qual for
E traçarei meu destino
Em busca de um novo amor
Você ficou no meu peito
Está no meu coração
Seu amor machucou
Não merece perdão



Caminando se construye la historia... (Am – F – C – E ; Dm – C – E – Am)

Sembrando la tierra
Con manos
Sin guerras

Caminando con esperanza
Alimentando nuestra alianza

Unidos haciendo lo mejor que
puede ser
Unidos haciendo lo mejor que
puede ser

Las aceras y las viviendas
Que fueron hechas por los
convites

Desplazamiento, acogimiento
Son las personas que nos
invitan

Pasos que se encuentran
Comparten sonrisas
Semillas de sueños
Construyen la vida

Nuestra historia de mucha
lucha
La escribimos en la memoria

Y caminando vamos cantando
Dejando huellas de esperanza

Unidos haciendo lo mejor que
puede ser
Celebrando la libertad con
alegría de verdad

Y nuestra madre naturaleza
Que nos regala nuestra comida
Muy generosa la maltratamos
y olvidamos
Que nos da vida

Recuerdos
Sentidos
De vernos unidos
A todo lo que existe
Sobre todo el colectivo

Pasos que se encuentran
Comparten sonrisas
Semillas de sueños
Construyen la vida

Unidos haciendo lo mejor que
puede ser
Unidos haciendo lo mejor que
puede ser

GABRIELLE OKRETIC



Triste pôr do Sol

Ano de gravação: 2020 (composição)

Triste pôr do Sol
Vago na chuva
Encontro outro alguém
Embora eu esteja à minha
procura (2x)

Vago pelo universo
Eu sou o lado não visto da
Lua
Me perco no mesmo verso
Sempre vagando na chuva
Onde o tempo é disperso
A poesia sempre muda
E quanto ao resto que flua

Triste pôr do Sol
Vago na chuva
Encontro outro alguém
Embora eu esteja à minha
procura (2x)

Enquanto o Sol se põe
O tempo se apressa
Nas diversas estações
É o trem que nunca te
espera
A Lua se impõe
A poesia se expressa
Nas próprias contradições
É o que me resta

Triste pôr do Sol
Vago na chuva
Encontro outro alguém
Embora eu esteja à minha
procura (2x)



Triste pôr do Sol

Acordes originais (música em A):

A7M, D7M, Bm, E7, C#m, F#

Forma usada no vídeo: Capotraste na 1ª casa
(música em Bb com os acordes de A)

A7M D7M

Triste pôr do Sol

A7M D7M

Vago na chuva

A7M D7M

Encontro outro alguém

A7M D7M

Embora eu esteja à minha
procura (2x)

Bm E7

Vago pelo universo

C#m F#

Eu sou o lado não visto da Lua

Bm E7

Me perco no mesmo verso

C#m F#

Sempre vagando na chuva

Bm E7

Onde o tempo é disperso

C#m F#

A poesia sempre muda

Bm E7 A7M D7M

E quanto ao resto que flua

A7M D7M

Triste pôr do Sol

A7M D7M

Vago na chuva

A7M D7M

Encontro outro alguém

A7M D7M

Embora eu esteja à minha
procura (2x)

Bm E7

Enquanto o Sol se põe

C#m F#

O tempo se apressa

Bm E7

Nas diversas estações

C#m F#

É o trem que nunca te espera

Bm E7

A Lua se impõe

C#m F#

A poesia se expressa

Bm E7

Nas próprias contradições

A7M D7M

É o que me resta

A7M D7M

Triste pôr do Sol

A7M D7M

Vago na chuva

A7M D7M

Encontro outro alguém

A7M D7M

Embora eu esteja à minha
procura (3x)

JAMILLE MABEL



Jesus

Ano de gravação: 2004

Por meus pecados, alguém
morreu
Em um calvário, pesada
cruz
Eu fui espada, eu dei risada
Queria ver a vida morta,
mas não vi
Eu fui carrasco, maltratei,
Não tinha fé, eu duvidei
Neguei três vezes o seu
nome
Quando não sabia amar
E nem tão pouco me
deixou aqui sozinho
Com tua mão me deu
carinho e ternura

Agora eu amo e sou
amado
Porque Jesus me ensinou
Com sangue puro me lavou,
Sem que eu o amasse me
amou

U u uu u Jesus Jesus
Só ele salva o pecador
Sem que eu o amasse me
amou u u u u
Jesus Jesus



Sonhei com você

Ano de gravação: 2021

A noite passada, nem dormi
pensando em você
Seus olhos sempre falam
o que querem dizer
E eu fico louco
Completamente bobo

E quando chega a noite
Você vem me ver
E eu fico olhando as estrelas
Perto de você, perto de você

Sonhei com você
Mas quando eu acordei
Você nem estava do meu lado
Poxa, se eu soubesse
Nem teria acordado
Só pra ter, mais alguns segundos
Perto de você

JOSÉ IVEN



Navegar

Tantos os lugares
quero eu , percorrer...
sair por aí ver mares,
no imenso azul me perder...

Vento suave soprou...
o meu barco no mar se lançou...

mesmo sem poder remar
nesse porto não devo ficar...

mesmo sem poder remar
nesse porto não devo ficar...

Deixa as ondas guiar...
ao ponto de me encontrar...
quanto mais profundo for...
encontrará o amor...

Não abandone o barco
fica comigo aqui
deixa eu guiar o teu barco
deixa eu te Conduzir...



Ser bonita

Composição de 2014

C G C G
 Me fale o que é ser bonita, me fale o que é ser normal,
 C Em D
 se eu penso que agir dessa forma, me faz tão mal.
 C G C G
 Mas na verdade, o que é ser bonita? É pensar que tudo é
 igual,
 C Em D
 igual a tudo na vida, que pareça normal.

(Refrão)

C G
 Eu não sei o que eu faço,
 D C Em
 se eu mudo o cabelo, a cor do batom da minha boca.
 C G
 Você me diz que eu sou tão Bela...
 D C Am
 então, o que eu faço para exergar isso em mim.
 G D C
 Não importa o cabelo, o batom que eu usar,
 G D Am
 ou você dizer que eu sou bonita, sim.
 G D Am
 Será preciso eu mudar a minha maneira de pensar,
 D C Em
 para que eu goste mais de mim, para que eu goste mais de
 mim, para que eu goste mais...



02

DESENHO



Veja mais desenhos do autor
através dos QR code a seguir

Eclipse: Heroínas de Alquiler



ALICE GOMES SIQUEIRA

Meu universo diferente



ALICE GOMES SIQUEIRA



ALLAN RODRIGUES MATOS

O Despertar da Consciência

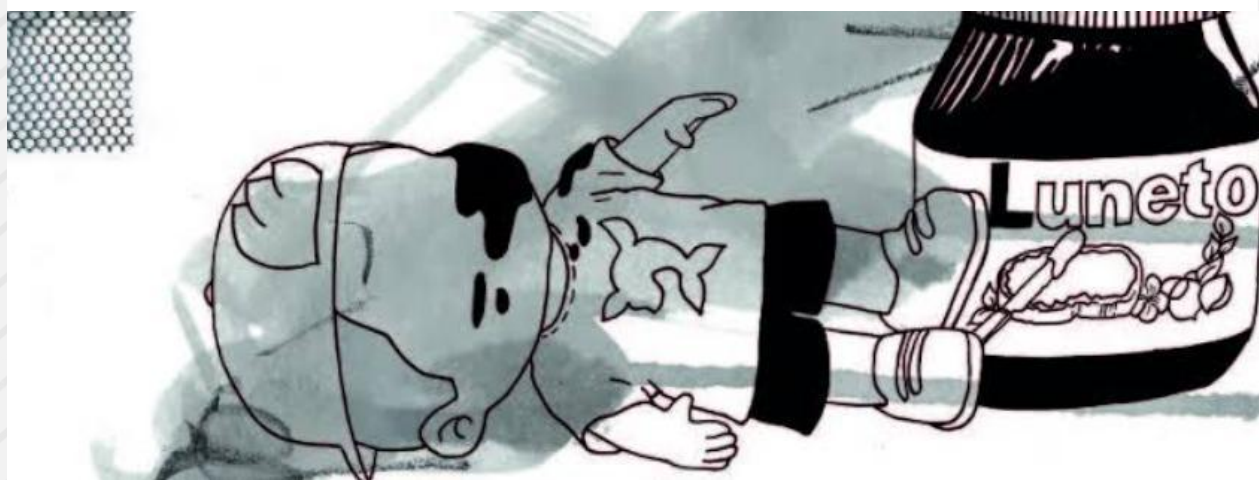


ALLAN RODRIGUES MATOS



ANA JÉSSICA SIMÃO DOS SANTOS

O Garoto Luneto



AYSS

Sunset Room



BRENO OLIVEIRA MARINHO

Suspiro

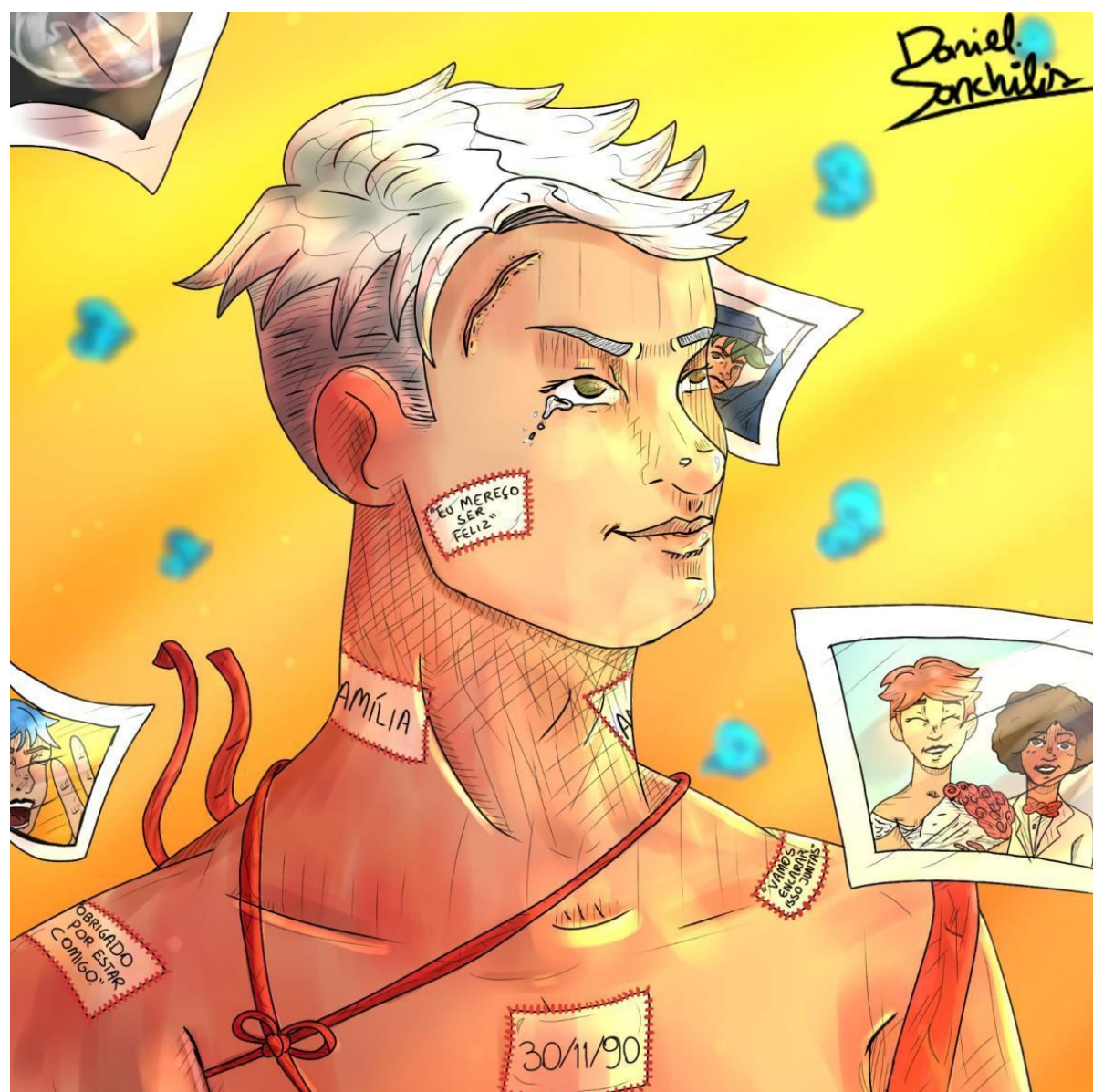


BRENO OLIVEIRA MARINHO



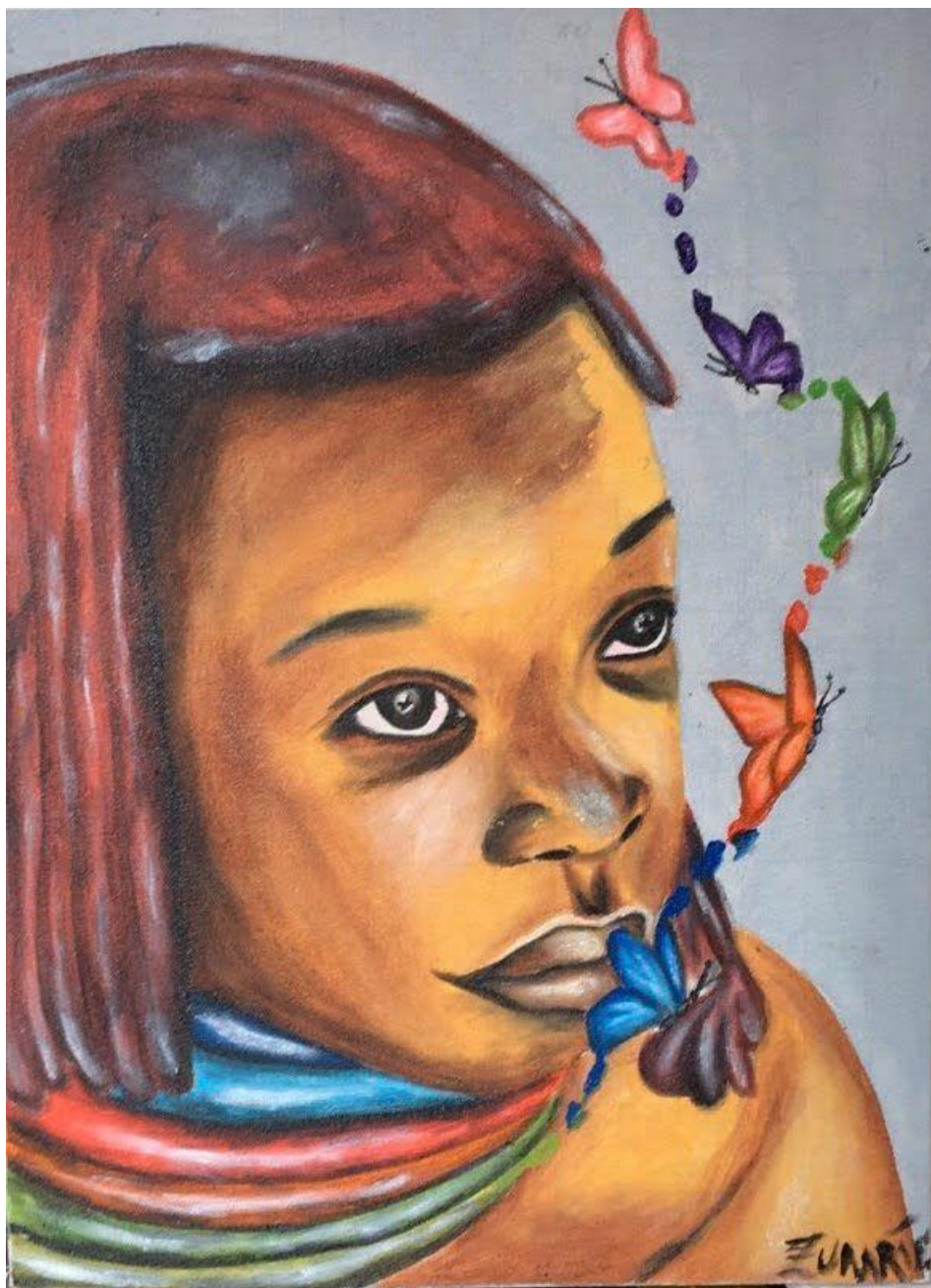
DANIEL SANCHILIS PEREIRA DE FARIAS AGUIAR

Memórias



DEDALDINA BOMBO JUTALO ZUA

Mumuila



DEDALDINA



ELIUDE DE SENNA PIRES

Benedito



FLÁVIO HENRIQUE BRAGA MENDES

A Peste 47-51

Referente aos piores momentos da pandemia durante o século XIV, em função da realidade e as limitações na questão da saúde



FLÁVIO HENRIQUE



GABRIEL NICOLAS HOLANDA BARRETO

Y-ara, Senhora das Águas



HENRIQUE SANTOS

Seu Astrogildo em: **Mingau de Aveia**



HENRIQUE SANTOS



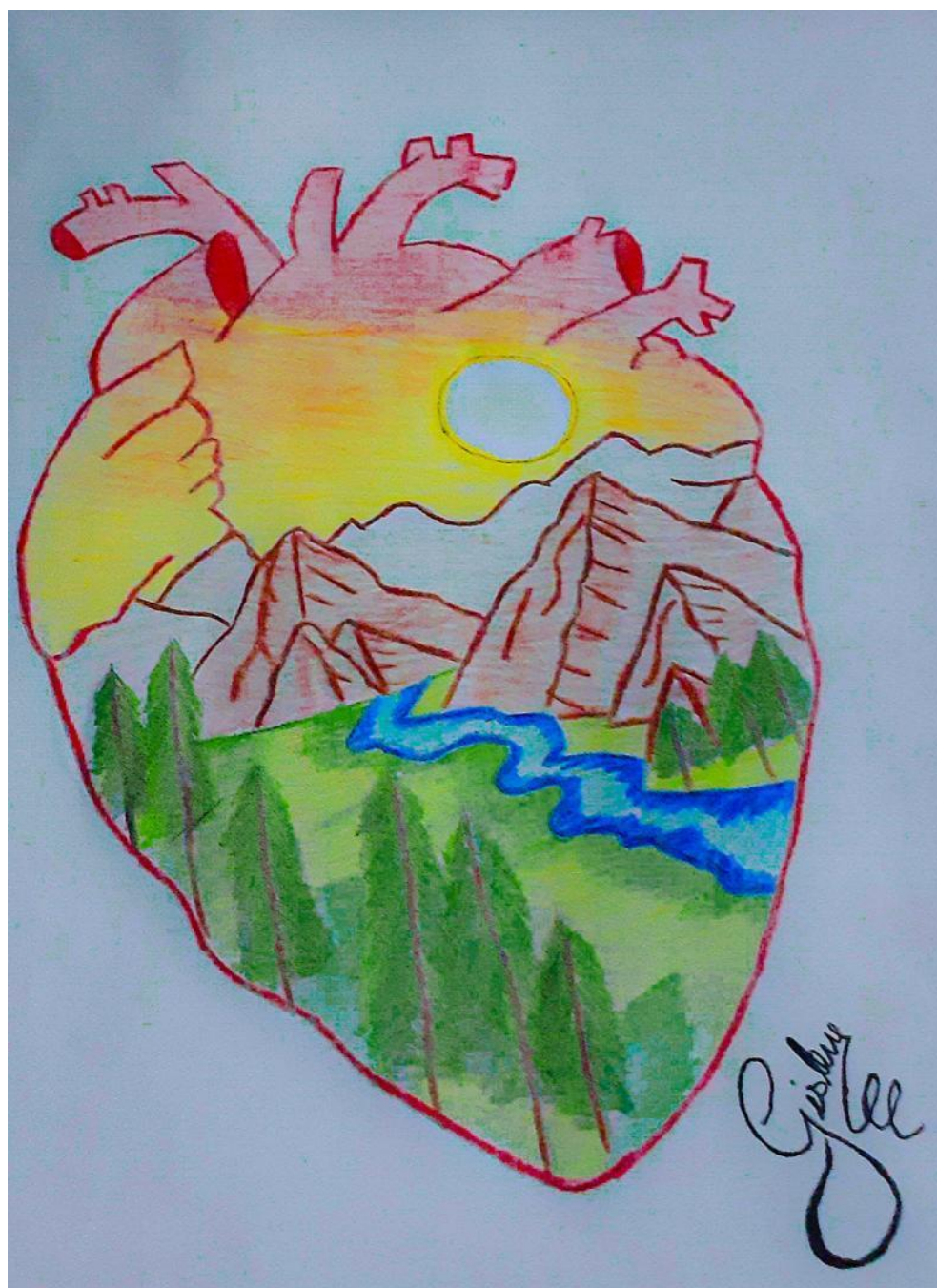
GABRIELE DOS SANTOS SOUSA

Traços de uma Laranja



GISLENE LIMA SOARES

Natureza purificando o coração



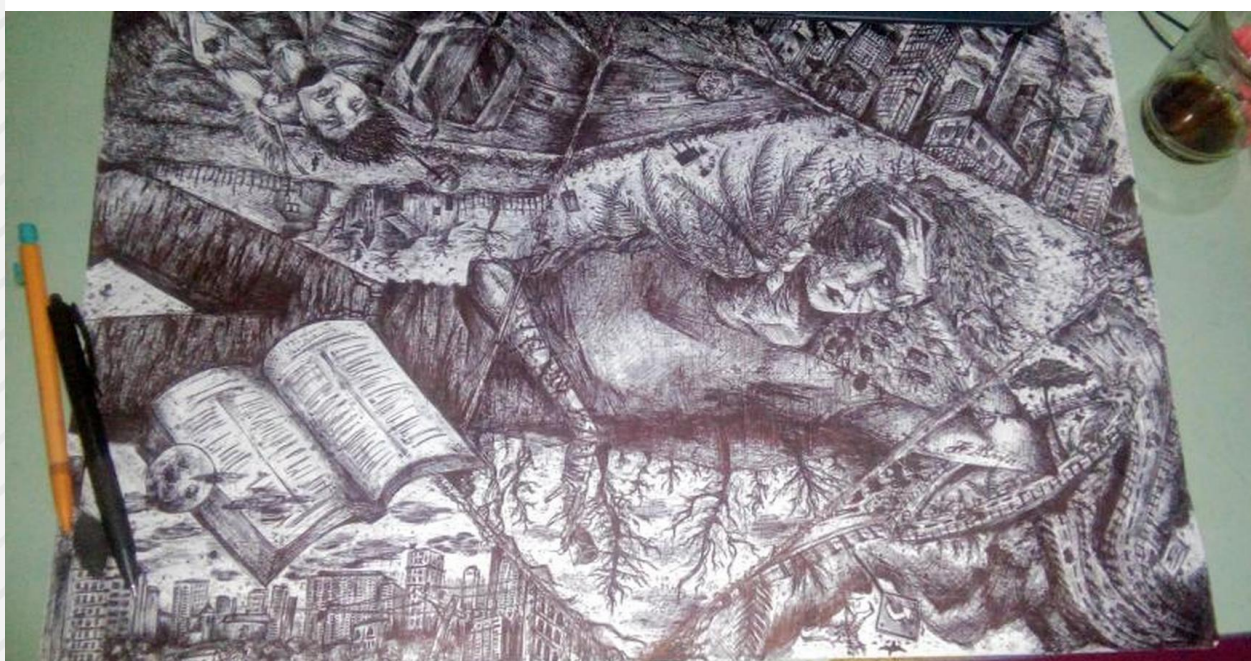
JOANA ARILENE BRITO SILVA

Ídolo



JOÃO FRANCISCO ALEXANDRE DA SILVA

Enfado

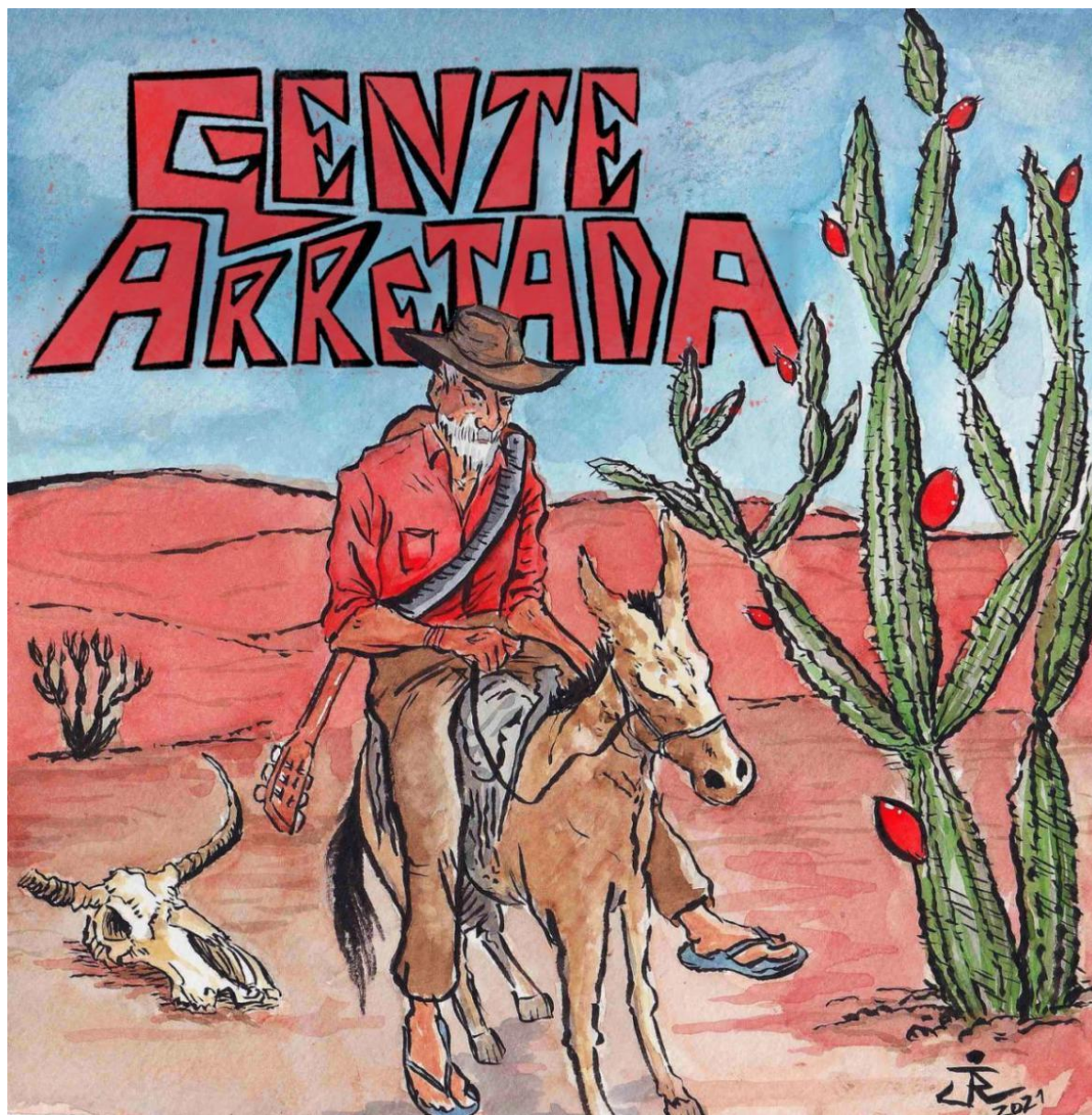


JOÃO FRANCISCO



JORGE RAPHAEL FELÍCIO PAZ

Quengo em Brasa

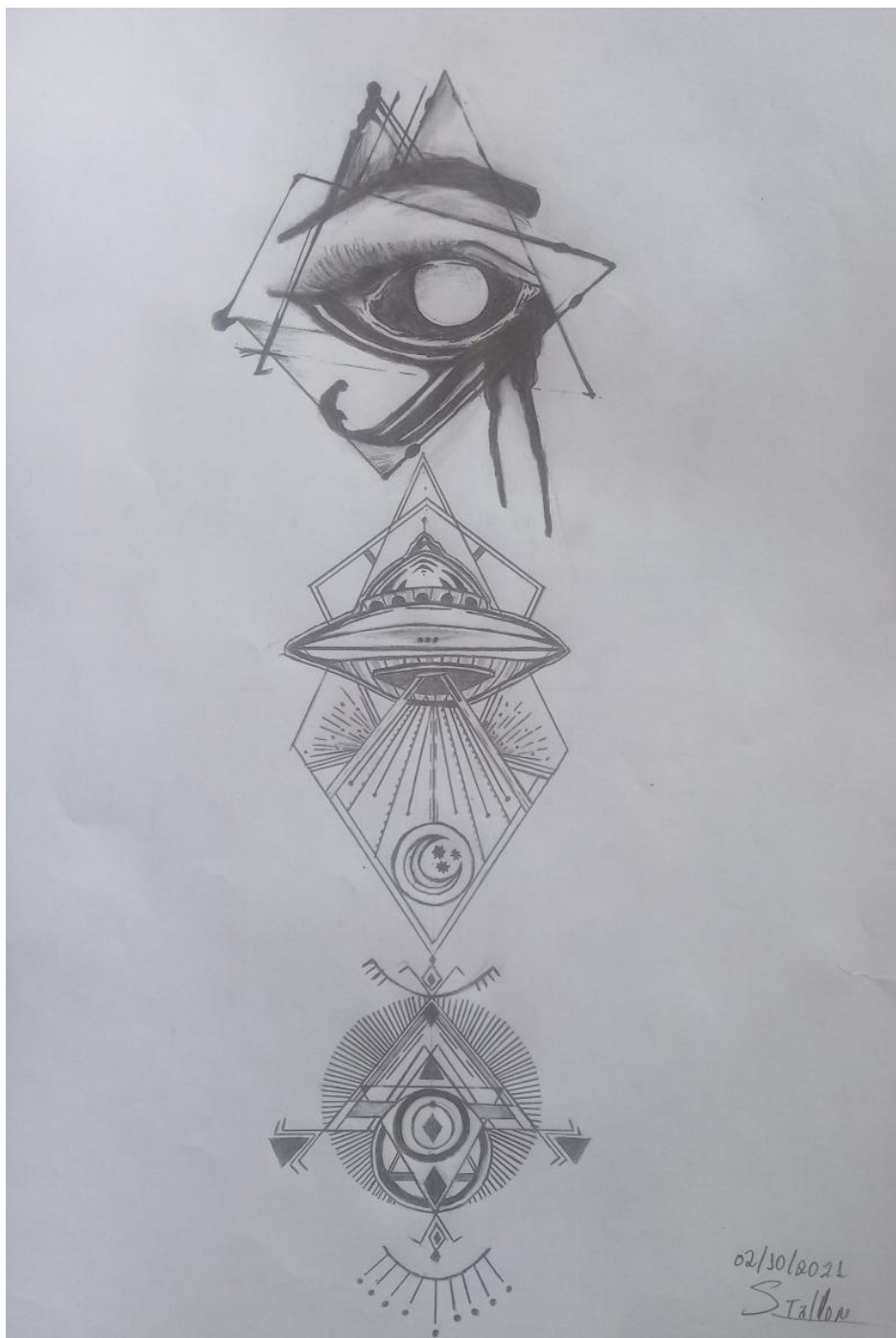


JORGE RAPHAEL



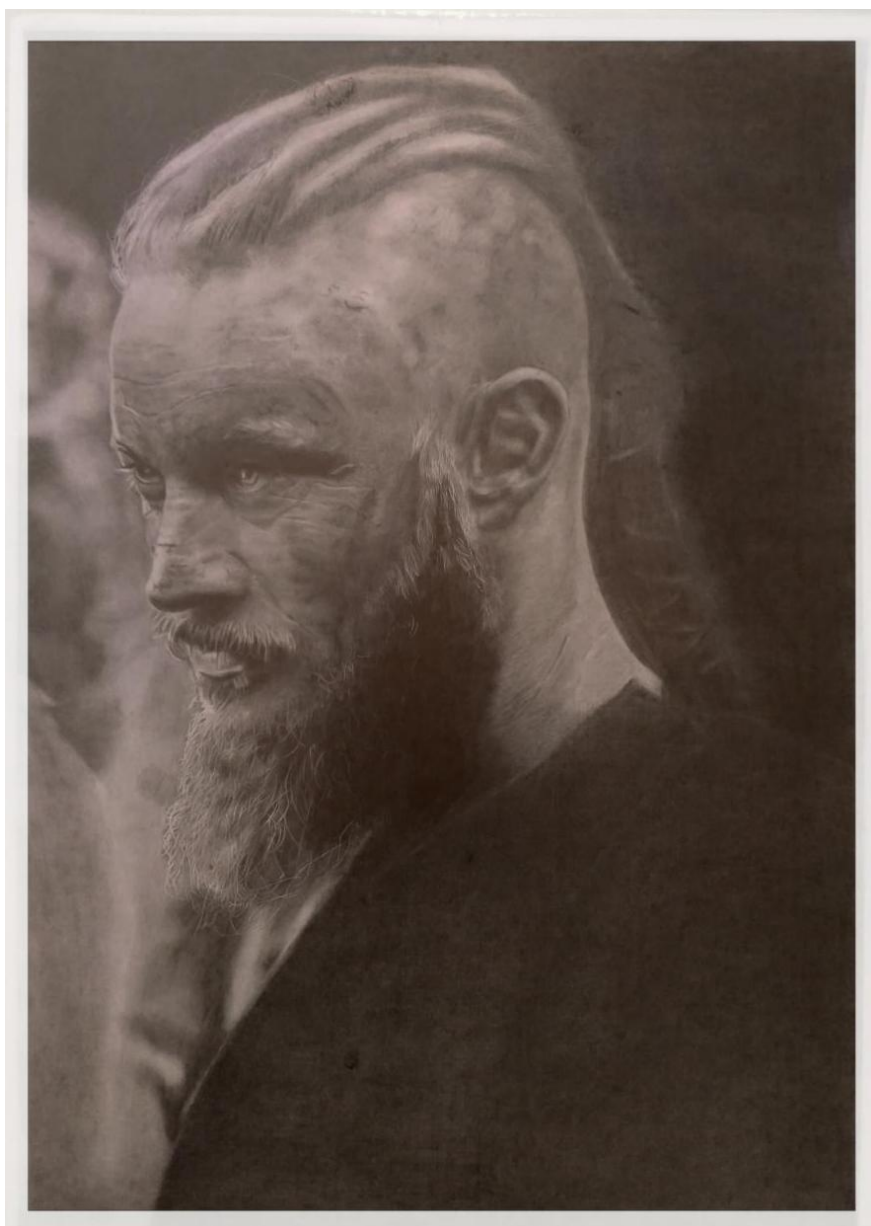
JOSÉ INSTALONE ARAUJO SOUZA

Multiverso



JOSÉ VINÍCIUS CARNEIRO DE SALES

Ragnar - Vikings



JOSÉ VINÍCIUS



LET PINHEIRO

Auto Retrato no Estilo de Ilustração Infantil

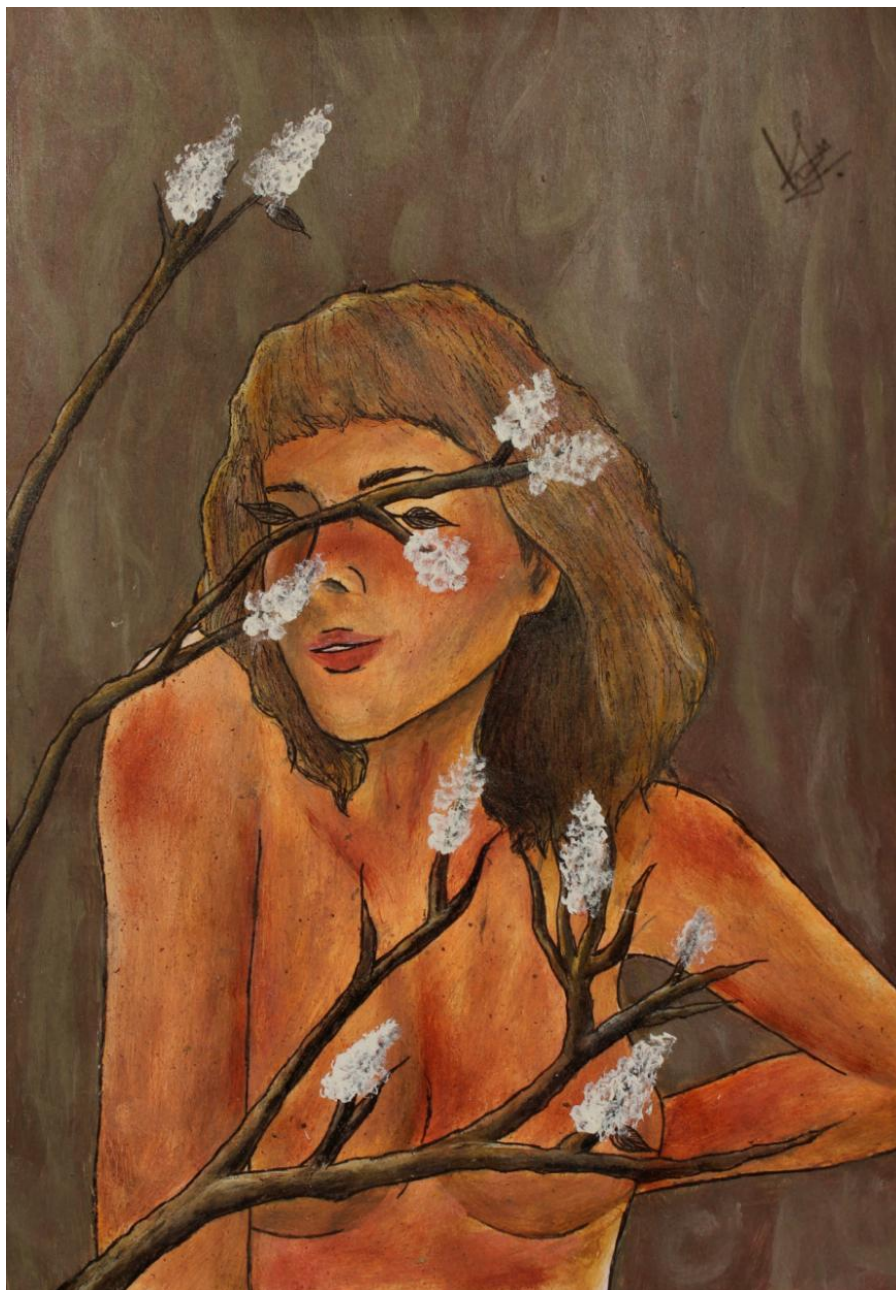


LET PINHEIRO



LUCIANO MARQUES DA SILVA

A Natureza de Nátaly

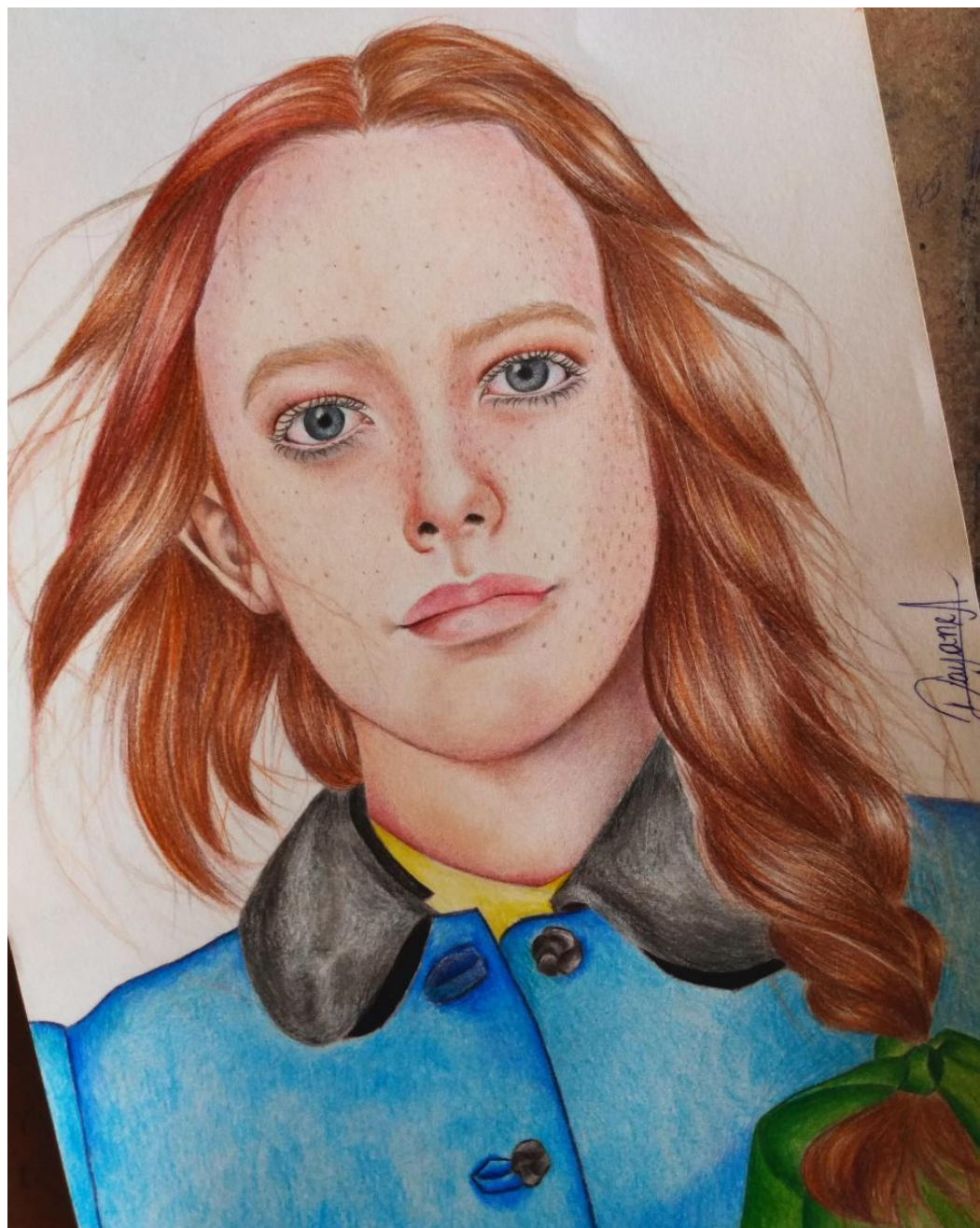


LUCIANO MARQUES



MARIA DAYANE DE ARAÚJO

A Inspiradora Anne Shirley Cuthbert



MARIA DAYANE



momo

Lilium

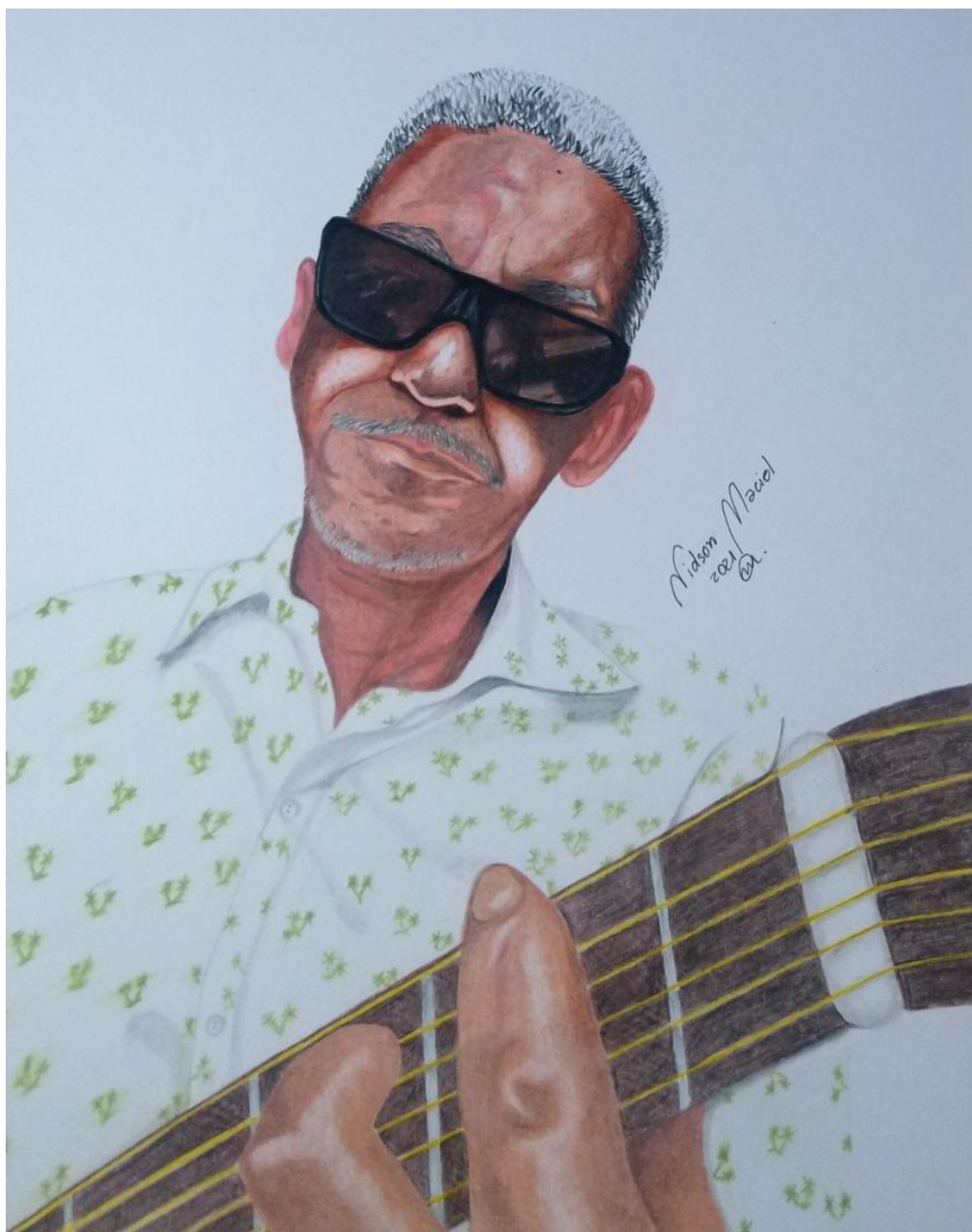


MOMO



NIDSON MAIA MACIEL

Cartola



NIDSON MAIA MACIEL



RAMMUS

Anjo Caído

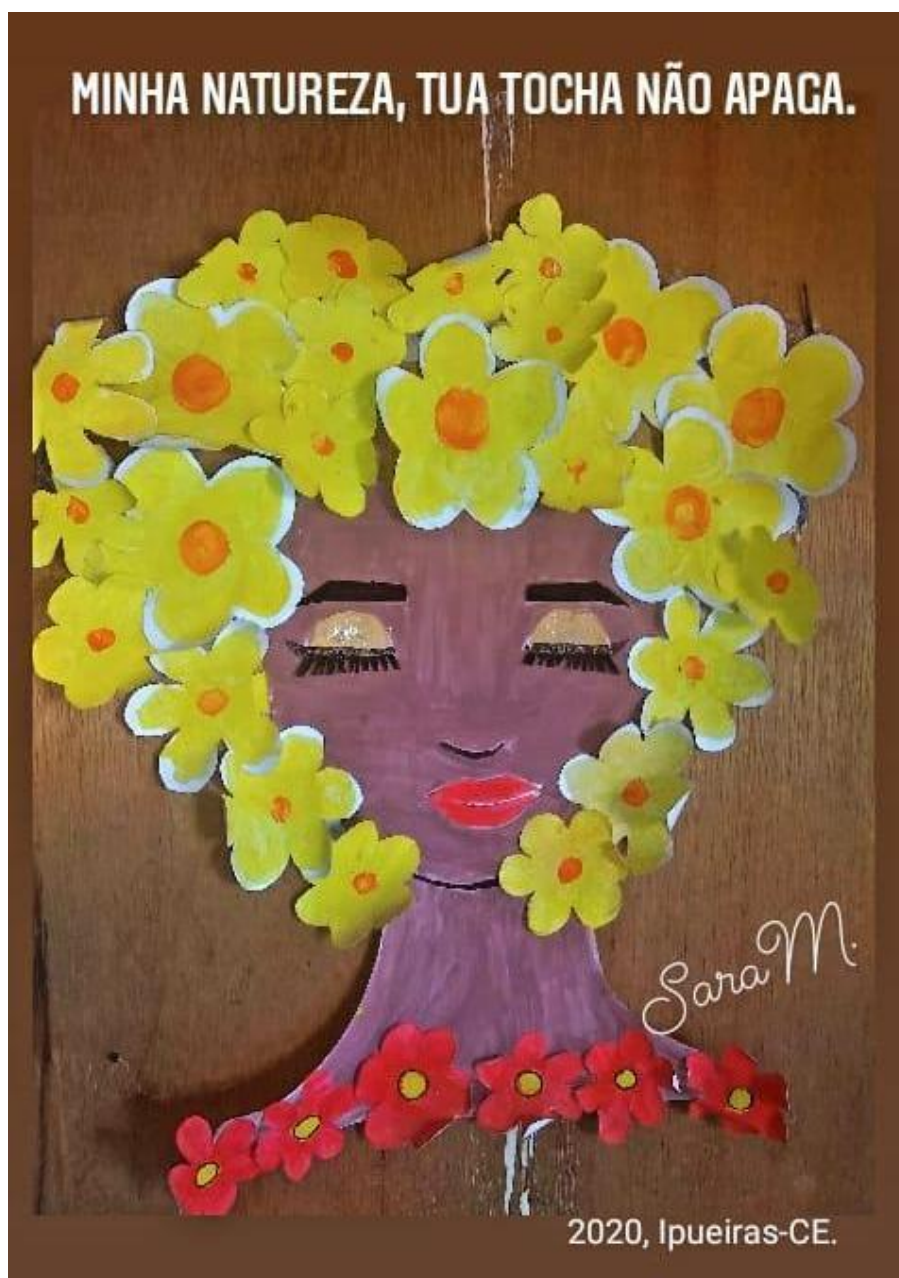


RAMMUS



SARA PEREIRA DE MATOS

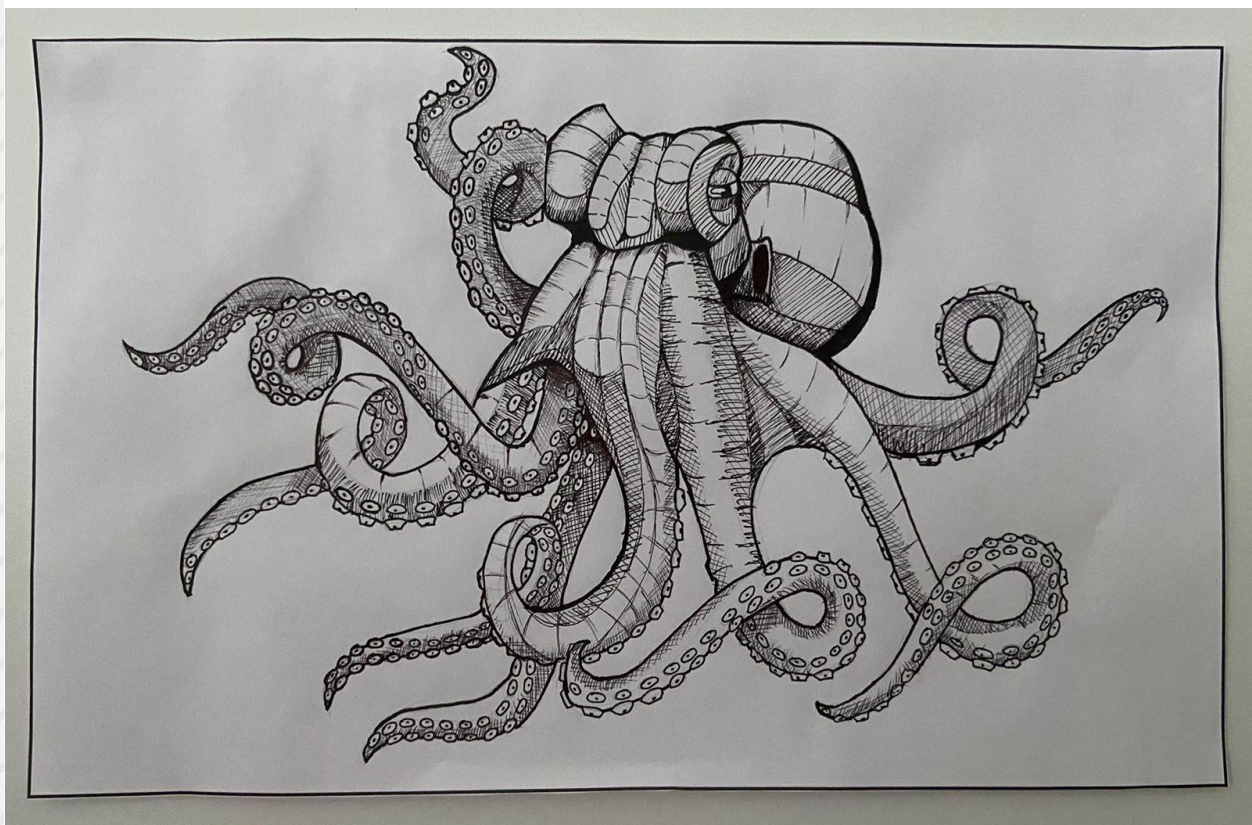
Minha Natureza, Tua Tocha não Apaga



SARA PEREIRA DE MATOS



TARSILO QUEIROZ TAVARES



YASMIN DE SOUSA COELHO

Acasos



03

FOTOGRAFIA



Veja mais fotografias do autor
através dos QR code a seguir

ALÉM DAS LENTES

Entardecer

Mercado dos peixes,
Beira Mar de Fortaleza-CE, 2020



ALÉM DAS LENTES



ALICE GOMES SIQUEIRA

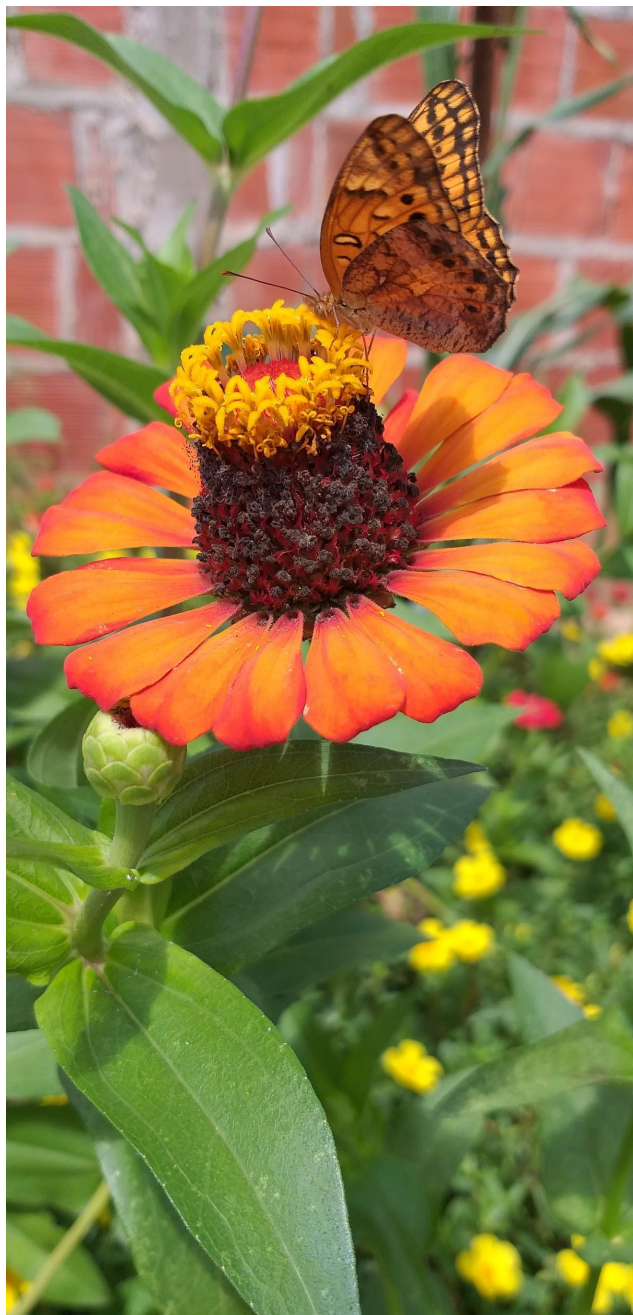
Iguana

Cajás, Sucesso-CE, Maio de 2020



Incríveis Tons de Laranja

Sítio Espinho, Limoeiro do Norte-CE, 2020



ANA GABRIELE



ANA LUCIA PAIVA DO NASCIMENTO

Luzes da Natureza

Lagoa do Banana, Caucaia-CE, 2021



ANDRÉA LÍDIA DE SOUSA LEMOS

Teia Alimentar

IFCE, Limoeiro do Norte-Ce, 2016



ANTONIA TELMA DA SILVA SOUSA

Paisagem Fotográfica

Quixeramobim-CE, 2021



AYSS

Espelhos da Alma
Fortaleza-CE, Março de 2020



CLEBER SAM

**Duas belas orquídeas (*Neomarica gracilis*)
acompanhadas de uma polinizadora
(*Trigona spinipes*)**

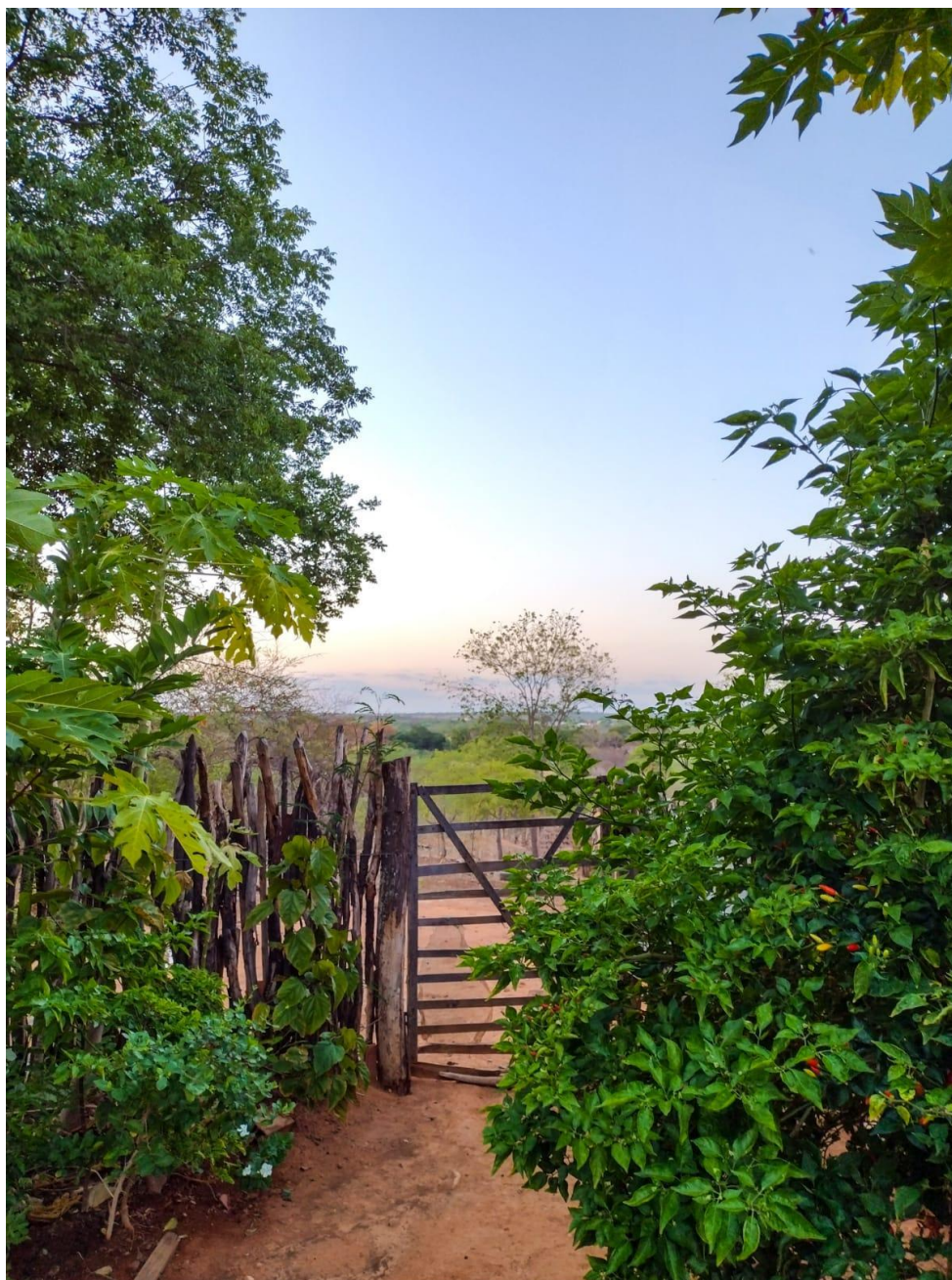
Sítio do Bosco, Vila Acarape, Tianguá-CE, 2019



DANIELLI XAVIER DA SILVA

Ser tão esperança

Tauá-CE, 2021



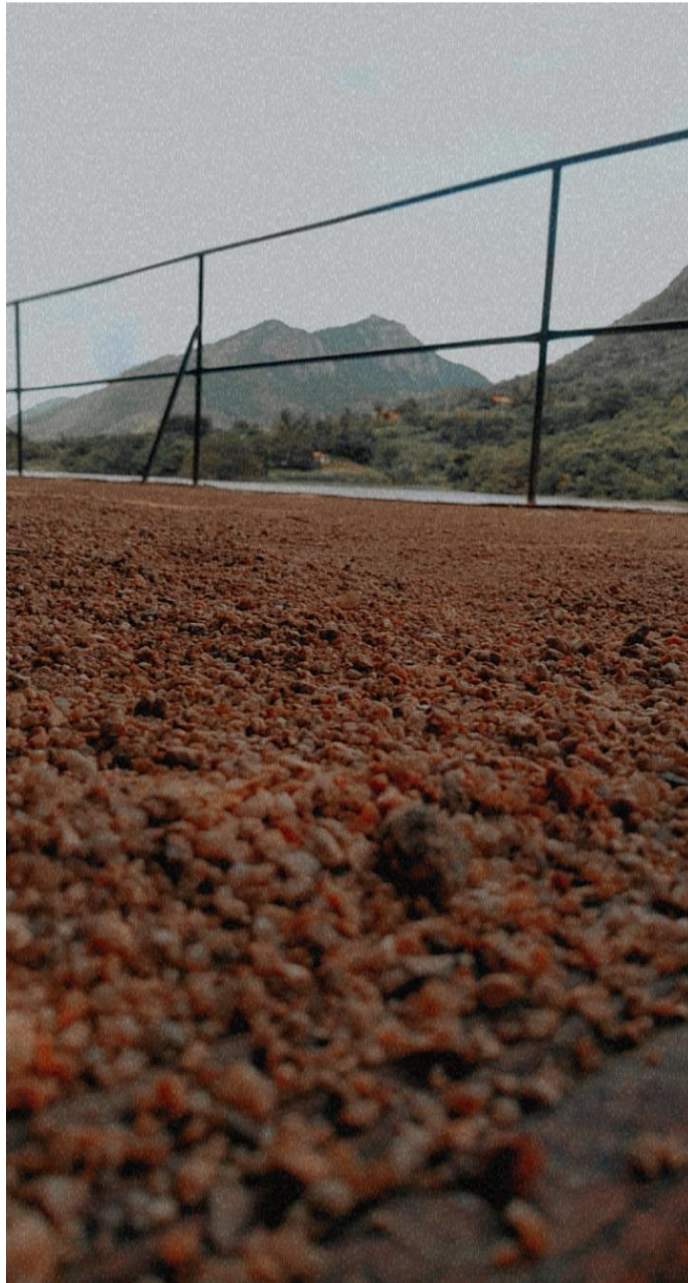
DANIELLI XAVIER DA SILVA



DAVI MAGALHÃES DE LIMA

Admire o simples

Serra do Quandu, Arapari, Itapipoca-CE, 2021



FRANCISCO ALLYSON CAETANO DA SILVA

Gralha-cancã, a voz da caatinga

Missão Velha-CE, outubro de 2021



Gralha-cancã

@allysonsalvatore

FRANCISCO ISNEY COSTA ALVES

O Poço e a casinha de taipa



GABRIELE DA SILVA AGUIAR

Lua de Cactos



GABRIELE DA SILVA AGUIAR



GABRIELI DE ALMEIDA GURGEL OLIVEIRA

O pôr do sol, por trás da casinha

Iracema-CE, junho de 2020



GEOVANA SOUSA RAMOS

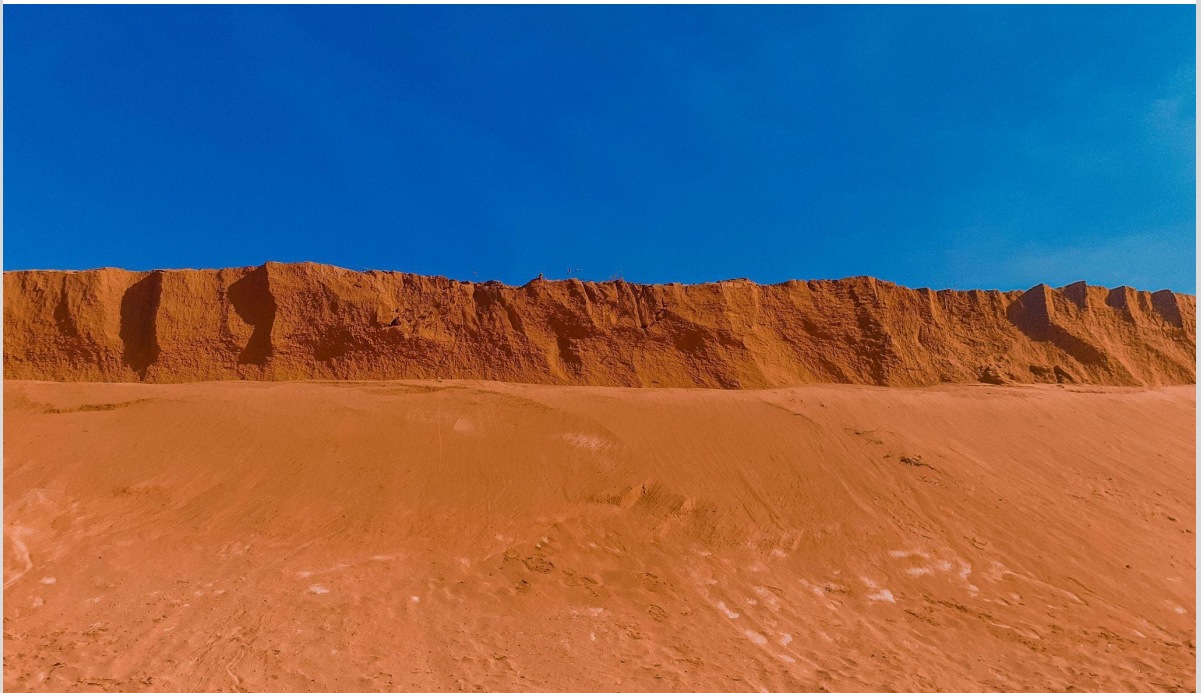
Índios na Amazônia
Floresta Amazônica, 2020



GISLENE LIMA SOARES

Falésias do Litoral Cearense

Canoa Quebrada, Aracati-CE, 2020



ISAIAS ALVES BRAGA NETO

Céu de Esperança
Fortaleza-CE, 2020



JOÃO LUIS DA SILVA JUNIOR

A Borboleta

Sítio Afogados, Jaguaruana-CE,
Junho de 2021



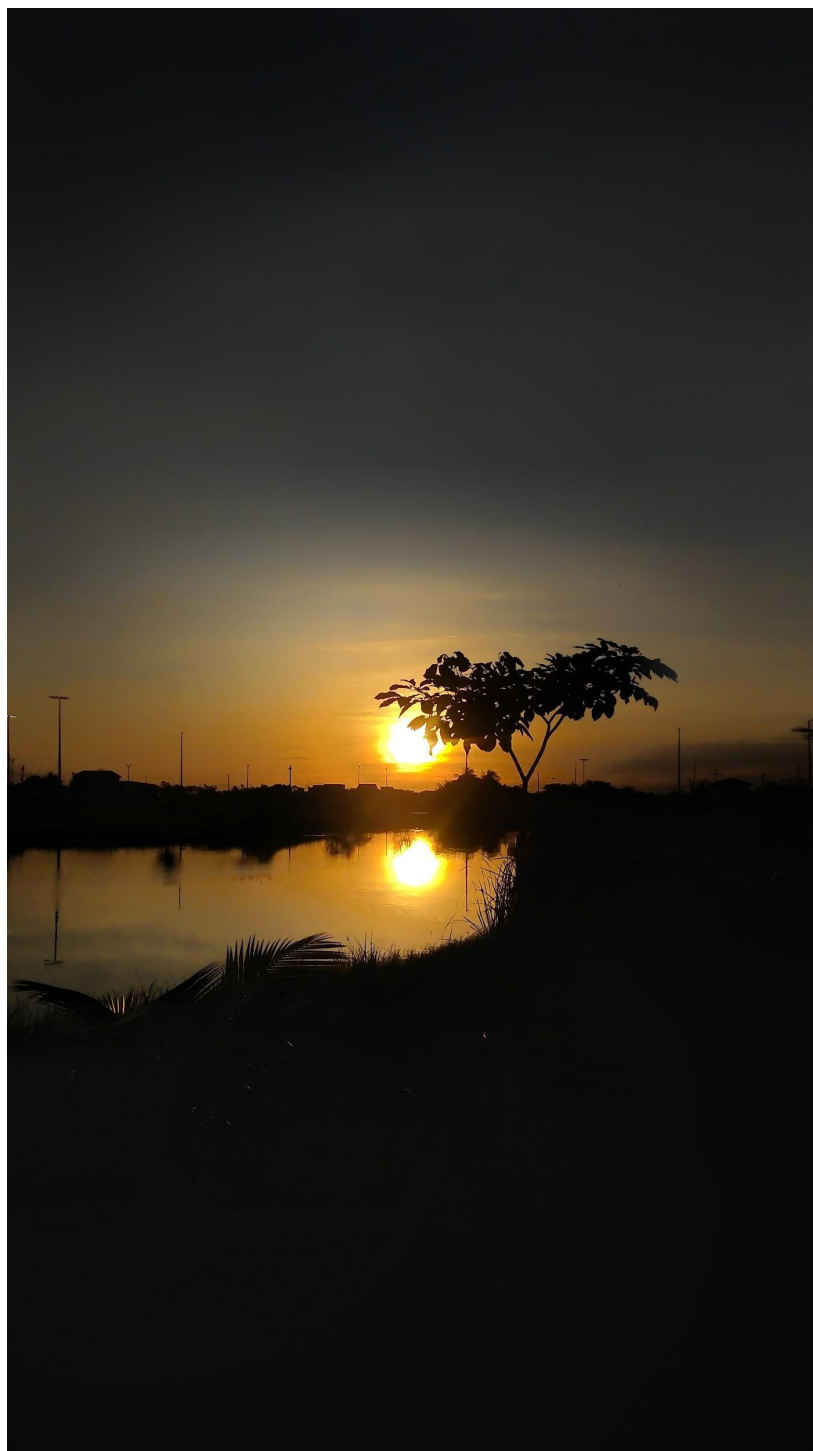
JOÃO LUIS



JOSÉ VINICIUS SOUSA OLIVEIRA

Ocaso

Lagoa do pontal, Quixeré-CE, 2021



KAROLINE BRANDÃO DE LIMA OLIVEIRA

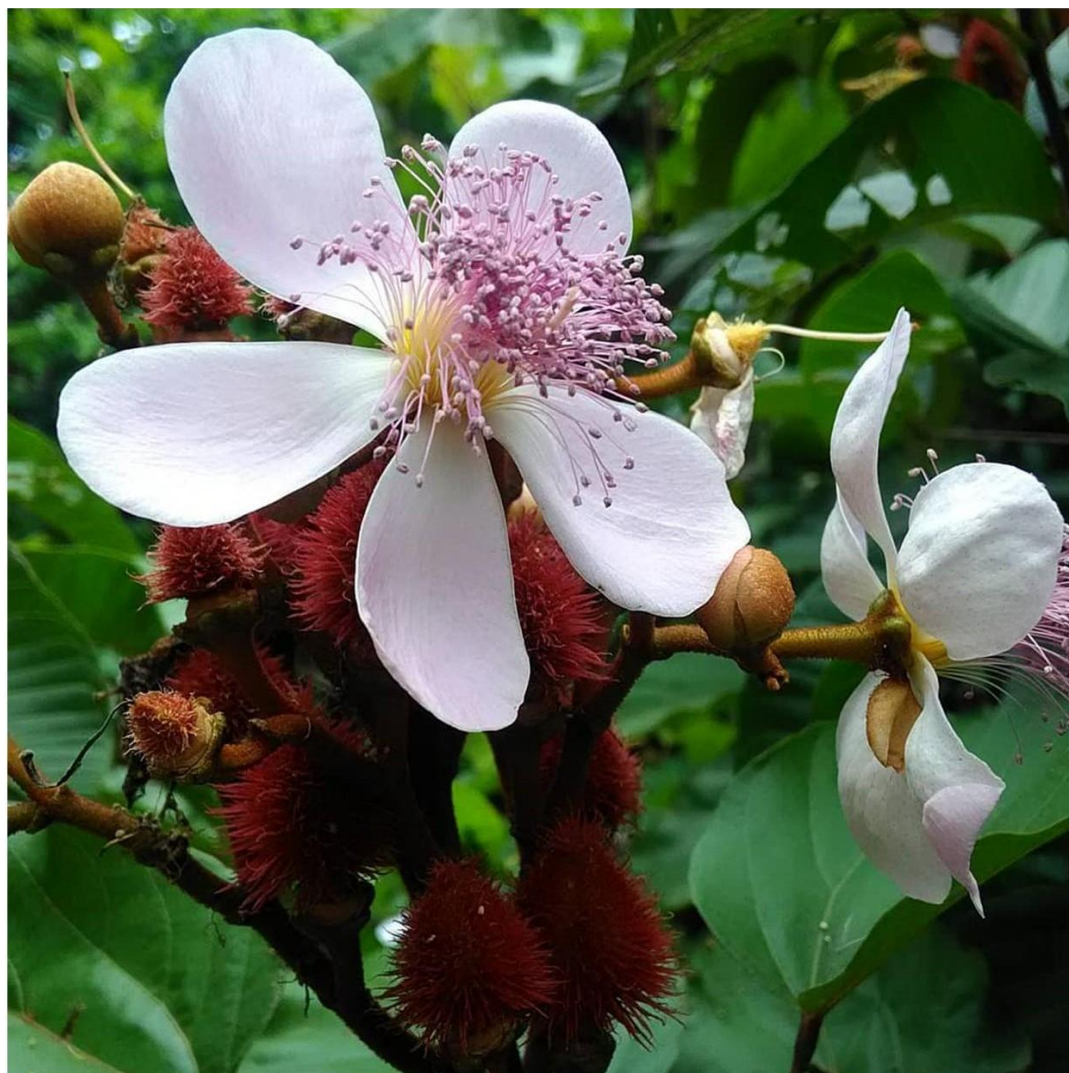
Moramos na cidade, mas a cidade também mora em nós

Morada Nova-CE, Outubro de 2021



LYSIANE DOS SANTOS LIMA

O florescer do Urucum
Jaibaras, Sobral-CE, 2020



LYSIANE DOS SANTOS LIMA



MADALENA GLAÊNIA OLIVEIRA LIMA

Amor de Janela
Russas-CE, 2021



MAILTON NOGUEIRA DA ROCHA

Andarilha Vespertina
Dunas de Paracuru- CE, 2020

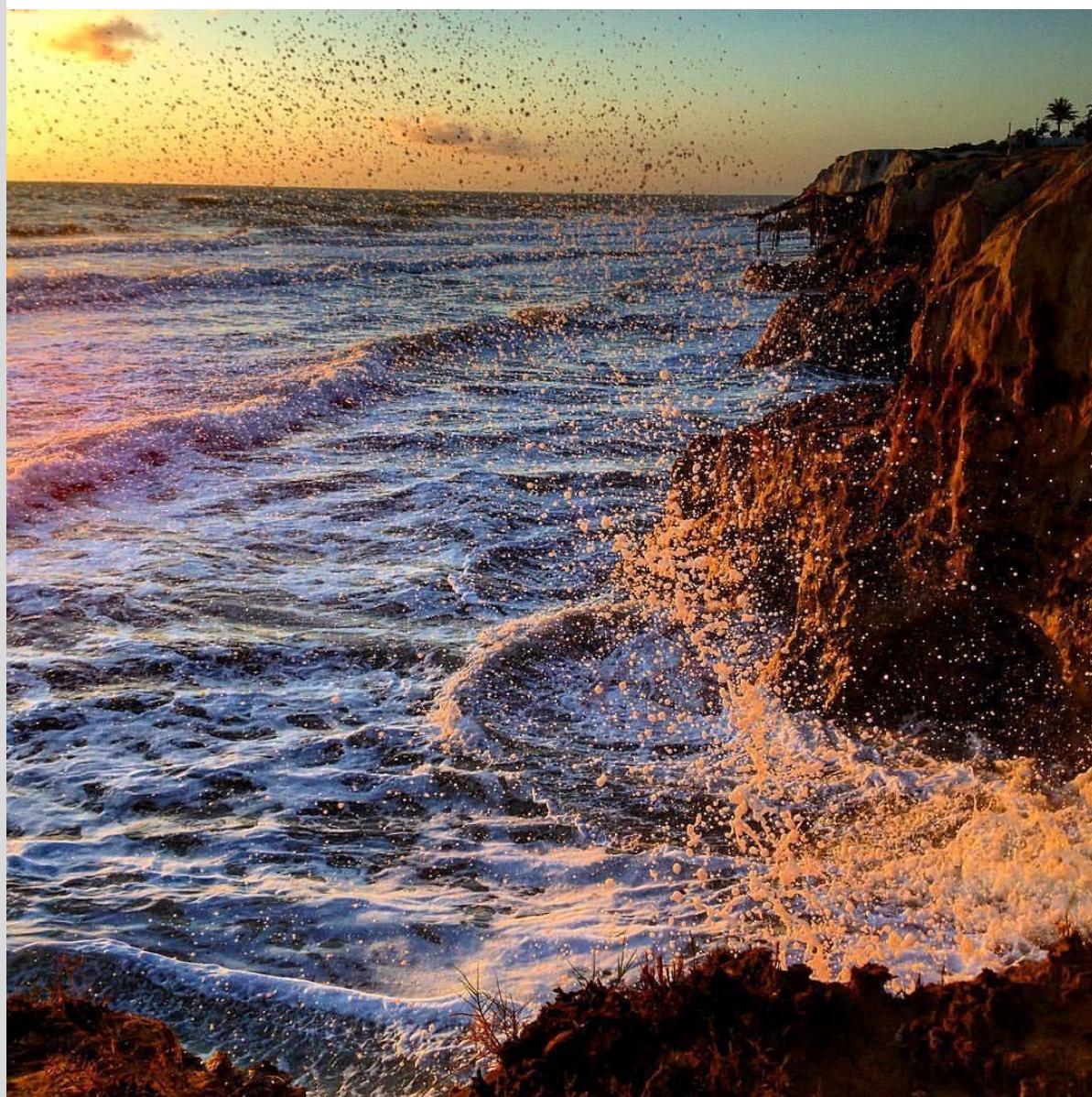


MAILTON NOGUEIRA



MARCIO DA CRUZ MOREIRA

A Caminho da Fé
Falésias de Beberibe-CE, 2020



MARCIO DA CRUZ



MARIA CRISTINA BARBOSA DA SILVA

Entre Espinhos

Itapipoca-CE, Abril de 2020



MATTHW VÍTOR

A Natureza pode transformar vidas

Chácara da Vovó Mary,
Tabuleiro do Norte-CE, 2021



MIVIDEL

Gatinho Datilógrafo
Fortaleza-CE, 2020



OXI MININA

A Esperança

Quilombo Mulatos, Jardim-CE, 2021



SIRINEU BEZERRA DE OLIVEIRA

Narrativas do Saber

Boa Vista Taperuaba, Sobral-CE, 2020



04

LITERATURA



Leia mais textos do autor através
dos QR code a seguir

Não, eu não tô bêbada

“Não, eu não tô bêbada”. Essa frase tem sido parte do meu repertório vocabular, ultimamente. Tenho que proferi-la, no mínimo, umas três vezes, durante o dia, a cada vez que questionam minha lucidez. Talvez seja a minha reação espontânea e exagerada ao compreender algo, ou o modo como vou deformando o espaço com movimentos súbitos e aleatórios, quem sabe ainda, a empolgação evidente em minha fala, que cause tamanho estranhamento. Antes, recuava envergonhada enquanto falava “eu sou assim sóbria”. O pensamento era um só: “Meu Deus, como sou ridícula”. Até que, comecei a me perguntar o que leva as pessoas a associar, imediatamente, liberdade e álcool. Seriam esses interdependentes? Ou estaria o mundo tão desarranjado a ponto de qualquer resquício de naturalidade causar tanto desconforto? Imersa nesses questionamentos, me dou conta que, definitivamente, a minha insanidade não está relacionada ao álcool, dado que, nem quando surtei, aos dezesseis, e fiz da bebida o meu refúgio, agi tão loucamente. Minha loucura não tem gosto de etanol, mas sim, de liberdade. Então, meu caro amigo. Eu posso até sim estar embriagada, mas de amor, de autoaceitação e de coragem. Te convido a provar dessas doses.

Uma estrela para o nosso céu

A seguinte história que vou contar
é sobre o surgimento de algo importante

O Ceará ficou excitante
Com essa estrela que surgiu
e o ensino evoluiu.

Veio com muita ousadia
transformar a educação, quem diria?

Em 1909 a primeira escola foi criada

a Escola de Aprendizes Artífices
foi fundada

e em 1941 Liceu Industrial do Ceará surgia

Em 1968 veio mudança
Escola Técnica Federal do Ceará
seu nome novo

Educação que chegou para o povo

com seus cursos técnicos veio
abrilhantar

sonhos e conquistas, sementes
novas a plantar

Já no ano de 1994 o seu nome
se transformou

passou a ser CEFET que até
curso superior implantou

o CEFET foi crescendo e
crescendo

que ficou até parecendo
uma luz que aos olhos
encantou.

Mais uma vez e até agora
o CEFET foi renomeado
um novo grãozinho foi
semeado

e em 29 de dezembro de 2008
o IFCE surgia

A instituição foi sancionada
pela lei sem demora

congregou CeFetes e Escolas
Agrotécnicas em boa hora

E até hoje forma profissionais
em muitos segmentos

Ensino de qualidade com
empoderamento

O IFCE que deixa o futuro cheio
de esperança

Sonhos construídos com
perseverança

Obrigado IFCE por seu
comprometimento.

A caminhada de um professor

Certo dia, o professor começa uma caminhada. Sem experiência em caminhar ele logo quer se aventurar numa corrida; arriscado. Chega ao seu destino animado, com força, “pronto” para aplicar suas ideias.

No meio do caminho encontra vários alunos, cada um com uma barreira que ameaçava o entusiasmo do professor para continuar. O professor prosseguia e todos os dias buscava uma maneira de diminuir as barreiras criadas por aqueles alunos. E, dia após dia ele aprendia mais e se tornava cada vez mais habilidoso nas respostas aos “treinos”. Era cada pergunta que ele ouvia que o instigava a tentar encontrar uma forma inteligente, dinâmica de responder; de ensinar.

Era bom aquele professor em caminhar. A maioria tirava a barreira e deixava-o passar. Sorria e brincava durante a caminhada. Também se irritava de vez em quando. Se ele queria parar de caminhar, não deixavam. Sem perceber, o incentivavam a continuar quando questionavam: “O que está fazendo neste lugar feio, cheio de buracos, gente complicada de lidar?”. “Deveria seguir uma estrada melhor; você se garante”.

O professor refletiu e respondeu: “Porque foi por esta estrada, por este caminho, sendo professor e aluno, que cheguei a este lugar onde escuto, percebo, recebo de pessoas como você, reconhecimento, gratidão, respeito, além de sorrisos e abraços sinceros. Isso, para mim, é um grande e importante resultado dos esforços em continuar caminhando”.

ANGINHA POETISA

Peço licença, minha gente
Que agora vou falar
De um Estado brasileiro
Meu querido Ceará
Onde há muitas belezas
Você vai se impressionar

184 municípios
Tem o Estado do Ceará
Com destaque para Sobral
Quixeramobim, Quixadá
Guaraciaba do Norte e Crato
Que não deixam a desejar

Uma das nossas características
É a seca na região
Além de forró, feira e festa
E Padre Cícero Romão
Sem deixar de esquecer
A cultura do sertão

É muito diversificado
O nosso paladar
Tem pudim, pé de moleque
Paçoca, mungunzá
Tapioca, baião de dois
Maxixe, buxada e vatapá

O gênero musical
É pura na tradição
Com destaque para o forró

Que trazem muita diversão
Não pode tocar a sanfona
Que o arrasta-pé é a animação

Outra tradição importante
São as nossas vaquejadas
Que trazem grande animação
Arrastam toda a vaqueirada
Por isso nossas festas
São tão admiradas

Os cabocos daqui
Não são mole não
Para sustentar a família
E ganhar o pedaço de pão
Trabalham todo dia
Seja empregado ou patrão

Já dizia o eterno
Patativa do Assaré
Aqui a vida não é fácil
Só é fácil pra quem quer
E a mulher do sertão
Fraca ela não é.
Obrigada meu povo
Por me escutar
Espero que apreciem
O nosso belo Ceará
Pois esta terra querida
Também é o meu doce lar.

Crônica

Sim, é verdade! Sei que é difícil, mas ela parou completamente. Ela já não funciona e, como uma coisa velha, será deixada de lado. E isso, por si só, é uma desgraça. E sei que ela é quem sempre me buscou incessantemente. Lembro-me, claramente, todas as vezes que mamãe me chamou para colocar a linha que havia saído da agulha, as vezes que mamãe precisava de ajuda com os tecidos e linhas que estavam sempre ao seu redor ou quando mamãe simplesmente me pedia para cobri-la da poeira. Às vezes, o chamado era para colocar o óleo adequado em suas peças para que não enferrujasse, para que suas peças não fossem danificadas rapidamente pela notável loucura do tempo.

Mas foi assim. De repente ficou inútil. Um defeito qualquer a tomou; como uma criatura que para de comer, ela já não conseguia executar suas funções e se foi. Mamãe ficou triste, tentou conseguir uma alma que consertasse máquinas antigas, mas não deu. A máquina de costura se foi. Ela perdeu seu espaço no lar. De soberana, passou a esquecida e mamãe precisou se desacostumar. Da aurora ao limiar da finitude somente memórias permaneceram.

Desapaixonado

Desapaixonei-me por seus meios sorrisos
e pensamentos distantes.

Desapaixonei-me por suas meias verdades e
cobranças que não eram recíprocas.

Desapaixonei-me por sua frieza constante e seu
excesso de orgulho.

Desapaixonei-me por sua desatenção, sua falta de
empatia e seu excesso de interesse de criar situações
de ciúmes.

Desapaixonei-me pela falta do beijo na testa, dos
anseios compartilhados e das mensagens de eu te
amo disfarçadas de “Se cuida”.

Desapaixonei-me por teu egocentrismo
exacerbado e em sua falta de querer fazer planos.

Suas faltas me fizeram falta e fui me
desapaixonando.

Não foi de repente e nem ao menos planejado.
Desapaixonei-me depois de muito insistir, depois de
tentar olhar infinitas vezes empaticamente e não
encontrar respostas pra nós e, principalmente, me
desapaixonei quando percebi que você não se
importava com tudo isso.

Paisagem noturna

É alta noite!!!
Dorme (tranquila e dolente)
a cidadezinha do “Zé Palhano”,
sob o olhar apaixonante da Lua
essa musa-astral
que embeleza nossa paisagem
noturna...

De longe vislumbramos
a altíssima Torre da Matriz
semelhando um vigilante da Fé
que observa a adormecida
cidadezinha!

(Que clama pela Cura da terrível
epidemia
-antônimo dessa paisagem-
c o m p o s t a d e b e l e z a e
h a r m o n i a...)

A luz pálida da “bella luna”
incendeia nossa alma de Paz
(Mesmo num momento
tão absurdamente caótico!)
Oh, vem, Musa dos poetas e
apaixonados,
iluminar nossas famílias
palhanenses!
Que teu halo de luz divinal
caia sobre essa cidadezinha
adormecida
renovando a Esperança e a Fé...

Dormes, cidadezinha querida
e deixas que a eclesiástica
“torre mais alta do Vale”
vele teu noturno sono!
E que as bênçãos da Senhora
da Conceição
caia sobre cada um de nós
(vítimas escravizadas “nos
braços de Morfeu”)
Libertando-nos de todo mal
pandêmico
que possa atacar Corpo e
Alma...

Que essa magnífica imagem
da urbana paisagem noturna
(Bela como uma pintura-viva!)
Possa tocar, intimamente,
nossa alma
(E imitando essa luz lunar
envolta em tranquilidade e paz)
nos conceda a Paz interior
e a Esperança num mundo
melhor:
precisamos e devemos
acreditar
“DIAS MELHORES VIRÃO...”

O Estômago na UTI

Parece-me celebração, pessoas unidas, rápidas, olhos fitados e esperançosos, não, não é celebração! Vejo ainda, senhoras, mulheres e crianças, poucas roupas, cabelos despertos, corpos desnutridos e muita ânsia por algo.

Não é qualquer algo, é algo que serve e, se serve, é importante. O que será?

O Brasil já não tem o mesmo sobrenome de outros tempos. Nossa bandeira está a meio-mastro: luto? Guerra? Infortúnio? Não, fome. O país agoniza.

Olhos fitados e esperançosos não são por acaso; senhoras, mulheres e crianças buscam satisfazer-se com migalhas, restos, lixo, ossos descarnados, é a fome que bate insistentemente à cárdia, porta do estômago. Ela está sempre aberta para visitação. As visitas não chegam!

Naquele dia tiveram sorte, a lata estava cheia, a cesta tinha muitas coisas. O  nico problema era a concorrência atroz que também tinha olhos fitados e esperançosos. A fome de saciar a fome eram amigas verdadeiras.

Segue a vida. O povo padece, a fome assola. Mas, e a cesta? A lata? Não estavam cheias? Sim, estavam, todas de lixo. Não é a lata de casa, não é a cesta de frutas. O estômago continua agonizando na UTI.

Aos quinze

Amo
Uma ousada afirmação
Para quem até outro dia
Dizia sequer saber o que era isso
De amar
Amo, sim
Sinto no coração, nas mãos, nos
rins
E olhos
E em todas as partes que se
dizem que o amor
É sentido
Amo e
Quando eu digo que a amo
Eu quero dizer que gostaria
De tê-la amado aos quinze
Quando o amor era bom e a
paixão era quente
Quando as tardes eram claras
E as noites, amigas
Nos amores dos cartões, das
velas
E das valsas
Amo esta mulher
E a amo com muito do que tenho,
apenas muito
Pois de tudo, de tudo preciso
Para o futuro, o trabalho

E aos quinze
Se eu a tivesse amado aos
quinze
Não haveria futuro, nem
trabalho
No passado, apenas quinze
A cabeça sem vento e o vento
inerte
Teria eu amado
Com muito mais classe e jeito
Eu teria amado
Com muito mais mundo, com
mais tudo
Exceto amor
Este, desconfio que, idade
alguma
Me faria amar com mais
Mas amaria melhor
E mais bonito
Amo, mas queria ter amado
Aos quinze anos
Ou algo assim
Amar esta mulher aos quinze
Teria me dado mais felicidade
Em tal idade
E aos vinte, eu jamais amaria
outro alguém
A ponto de querer voltar aos
quinze
Para amar de novo.



Ruína Recorrente

Deixei a consciência vazar
Tirei os olhos para chorar
Na monotonia não fui descansar
Este ruído nunca para de gritar
A mente sempre parece queimar
O incêndio continua a se alastrar
Gostaria da chance de fazer meu vô
alçar
Mas o fogo consegue os pássaros
alcançar
Minhas próprias asas vejo chamuscar
De novo e de novo a despencar

Pintores tortos revelam memórias
Poetas mortos me contam histórias
Com o rosto absorto em tais
trajetórias
Suas presenças escorrem
dedicatórias
Narrando o inenarrável
Mensurando o imensurável
Feito enfermidade incurável
E uma hipocondria irremediável

Pelo ontem sou acusada
A silhueta me vê como culpada
Nunca fiz, nunca faço nada
Não passo de uma presença
assombrada
Por palavra indeterminada
Em irreal arsênico envenenada
Na tempestade que se forma,
estagnada
Desolação espreita a procura
arruinada

Dor se pincela incolor
Torpor se esfacela sem valor
Fiz a mala, corri para Salvador
Na bagagem levando singela flor
Delicado lírio da madrugada
derretida
Enraizado na janela de Pasárgada
destruída
Fui-me embora de manhã,
estancando uma ferida
Sangrei e vaguei pelos caminhos de
Roma, perdida

Viajei por um cenário de calma
Não cheguei a terminar a poesia
Extraviei os versos naquele dia
Derramei do ambiente a natureza
que ardia
Sobre minha cabeça enterrada em
agonia
Irei transformá-la em melodia
Talvez jamais, ou amanhã, quando
seria?
Se puder encontrar a mim mesma
na floresta fria
Ou esbarrar com minha essência na
casa vazia
Repleta de frágil maestria
Já alcancei as palavras
Vagas e profundas
Demasiadas ou moribundas
Nos jornais, livros e revistas
Muitas imprevistas
Escapam sem ser vistas
Nem sempre causam uma boa
impressão
Quando quem sofre é o coração
Na aflição de um último verão

Homem que é homem, até quando?

Homem que é homem,
Não sofre,
Não chora,
Não se emociona.
Emoções,
Isso é coisa de mulher.

Homem que é homem,
Sofre calado em silêncio
E se chora ou diz alguma coisa,
É no bar
Depois de ter tomado umas.
Esse negócio de falar da vida,
É coisa de mulher.

Homem que é homem,
Gosta de futebol,
De sair com os amigos,
De churrasco no fim de semana,
De assistir filme de ação.
Esse negócio de romance,
Drama ou mimimi,
É coisa de mulher
Que chora à toa.

Homem que é homem,
Não falha nunca,
Não acha outro homem bonito,
E se a coisa vai mal,
A culpa não é dele.
Homem que é homem,
Vive pro trabalho
E se preocupa em ter dinheiro
Pra balada,
Pra curtir

Ou pagar as contas de casa.
Ajudar em casa,
Pode até ser!
Mas é coisa mesmo de mulher,
Que trabalha
E ainda tem que cuidar da casa
E dos filhos.

Homem que é homem
Não se preocupa,
Nem precisa cuidar da saúde.
Ir ao médico,
Nem pensar!
Isso é coisa de mulher
Que é frágil e precisa se cuidar.

Homem que é homem
Não adocece
E quando vai ao médico,
É nas últimas,
Quando não tem mais jeito.
E se a coisa se complica,
A mulher faz promessa
E se apega a todos os santos.
Ele é forte,
Que nem o super-homem!

Homem que é homem,
Até quando?
Sem se dar conta
Das suas fraquezas,
Morrendo calado
Ou culpando os outros
E esperando mais
E mais tempo
Pra perceber que não dá mais
Pra ser assim!

ELIAHEL LOBO GUARÁ

Lamúrias de um cata-vento

Eu que já fui cobijado
Há muito tempo passado
Por trazer para o sertão
As águas da salvação
Hoje me sinto esquecido,
Pela ferrugem, carcomido.

Quando as grandes secas batiam
Era a mim que recorriam
Para, com toda a minha destreza
Arrancar das profundezas,
As gotas de esperança
Pros velhos, pros jovens, pras crianças...

Mas, veja à ingratidão
Desse povo do sertão
Trocaram-me por outro senhor,
Aquele tal de motor,
Violento ... poluente ... barulhento...
Jogaram-me no esquecimento.

Só o vento, meu velho amigo,
Permanece aqui comigo,
Espalhando meus lamentos,
Meus gritos, meus pensamentos,
Enquanto em meio ao mato,
Sou, pela Ferrugem, devorado.

Votos de ano novo

Eram onze horas e meia, noite de trinta e um de dezembro de 2021. A tartaruga e o sapo, o casal mais atípico da vizinhança, estavam indo ver a queima de fogos à beira do lago. O sapo, metuculoso como sempre, havia calculado o tempo que gastaria no percurso de sua casa à orla do lago, onde pretendia passar a virada do ano com sua esposa, a tartaruga. Esperava chegar exatamente no início da queima de fogos. Entretanto, apesar do planejamento, esqueceu que sua esposa não era tão rápida quanto ele e logo no início do percurso concluiu que não teriam tempo o suficiente para ver o show pirotécnico, como havia imaginado. Por ter se baseado apenas na velocidade de seus pulos, o tempo estimado inicialmente para fazer o trajeto era menos da metade que necessitariam para tudo ocorrer bem direitinho.

Alvorocado, já entrando em desespero por ver seu plano falhar, o sapo pediu à tartaruga que acelerasse os passos – coitadinha, o sapo nem notou que ela já estava fazendo todo o possível, indo o mais rápido que podia, para lhe agradar. Ela, então, vendo a angústia do companheiro, fala para ele:

- Amor, também quero muito ver a comemoração, mas não consigo ir mais rápido do que isso. Minhas patinhas já estão doendo, se quiseres pode ir no seu passo, digo, no seu pulo e nos encontramos quando eu chegar lá.

O olhar do sapo nitidamente se animou pela oferta, mas ele hesitou - ela certamente ficaria bastante chateada se ele assim o fizesse. A atitude do sapo causou

na tartaruga um sentimento de gratidão, pela compreensão de seu companheiro saltitante à sua limitada velocidade.

Com o decorrer do percurso, em pouco tempo, já se conseguia ouvir pela mata a animação da bicharada e já dava para sentir a euforia causada pela aproximação com a hora da virada. Todavia, tendo percorrido um pouco mais de um terço do caminho até a beira do lago, ficava claro que o semblante do sapo já não era mais de frustração, pelo seu mau planejamento, muito menos de esperança, há pouco nítido pelo seu olhar, mas ia se transformando em tristeza e desânimo de continuar o caminho até a beira do lago.

O espetáculo, realizado todos os anos, é o mais esperado do brejo e adjacências. É a grande oportunidade para todos os animais da vizinhança se encontrarem e confraternizarem, onde as diferenças são colocadas de lado, as realizações de cada um são exaltadas e os tradicionais votos de ano novo são feitos. A virada do ano no lago é realmente um acontecimento muito esperado por lá.

- Uma das raras oportunidades que tenho de rever os amigos para curtir e o meu planejamento vai por água abaixo. Aff ... – Coaxava bravo, o sapo, para o nada. A tartaruga também começava a se sentir desanimada e insatisfeita, mas procurava, a todo custo, entender a reação de seu parceiro e tentava manter uma atitude de apoio diante daquela postura - contudo, ainda sentia um certo conforto por estar ao lado do sapo, seu companheiro.

Por um momento, o silêncio no meio da mata - não completo por se escutar ainda um cri-cri-cri de grilos - deixa claro que a contagem regressiva está prestes a começar e, para o sapo e a tartaruga, a distância parecia não ter diminuído em nada. Notando isso, a tartaruga para e o sapo próximo a ela, como num devaneio, diz:

- Ah, como eu queria estar à beira do lago.

A tartaruga, contagiada pelo momento, acompanha o coro, já dos segundos finais, que vinha como uma onda pela mata e se maravilha, ao longe, observando um arco-íris noturno que se formava com o brilho dos fogos no céu. O 2022 chegara e ela estava ali, longe dos fogos, mas próxima de seu querido companheiro.

Por um instante pensou haver felicidade e se empenhou em escolher as mais belas palavras para dizer ao estático sapo, que nem sequer piscava e, mudo, enigmaticamente permanecia ao seu lado.

Na busca pelas palavras, um pensamento confuso lhe invadiu a mente, de certa maneira ele parecia estar se organizando e tornando claro para ela aquela situação – alguns chamariam isso de epifania, mas não a tartaruga com o seu modesto vocabulário. Insegura com o que dizer, a tartaruga respira fundo e lembra-se de que a vida tem poucos propósitos reais, e, talvez, o maior deles o de ser feliz. De uma forma corajosa, inspirada por esse propósito, declara seus votos de ano novo ao sapo:

- Querido, desejo que estejamos sempre ao lado de quem realmente amamos. Ao lado de quem amamos é que somos verdadeiramente felizes, independente de onde estejamos. A futilidade de um lugar, as dores que aparecem no decorrer do caminho e as dúvidas se tornam secundárias ao lado do ser amado.

O sapo se deu conta que não somente eles ainda estavam no meio do caminho, e perderam os fogos da virada, mas muitas das mais diferentes famílias também apreciavam aquele arco-íris noturno do meio da mata. Ainda que distantes da beira do lago, todos que ali se viam, pela claridade proporcionada pelos fogos, pareciam contentes por estarem juntos. Ele percebe que todos temos nosso próprio tempo e que o destino sempre é o mesmo, mas a diferença está em como trilhamos nosso caminho. Sem palavras, percebe que estava com alguém ao seu lado que o amava.

Quinze minutos das mais bonitas cores iluminando, àquela hora, o já novamente escuro céu haviam se passado e, o sapo, para surpresa da tartaruga, lhe diz ser o mais feliz dos sapos do mundo, pois está com sua amada companheira. Lhe coxa um boa noite e o desejo de que tudo de bom lhes aconteça neste ano novo.

Olhar Felino

Durante mais uma de minhas andanças noturnas, decidi parar em um banco da praça e aproveitar aquela madrugada. Não sabia ao certo que horas eram, mas chutava que estava perto das quatro e meia da madrugada. Sento-me em um dos bancos perto do lago e contemplo aquele ambiente silencioso, iluminado pelos postes e aquela brisa que fazia balançar as árvores. Quase todas as noites eu estava nesse local, ele me lembrava os bons momentos que tive por lá, era um lugar para revisitar o passado e suspirar de nostalgia.

O tempo se arrastava naquele momento e, ao longe, eu via uma pequena criatura saindo da escuridão das folhas, um gato que se aproximava de mim sem demonstrar nenhum sinal de timidez. Aquele ser de cor alaranjada parou em minha frente e encarou-me nos olhos como se estivesse lendo a minha alma; naquele instante, eu também lia sua alma, tentando descobrir os motivos de sua curiosidade.

No fim, apenas desisti de entender as motivações daquela criatura peluda, mas ela seguia incansavelmente a me observar; após um tempo, ela sobe ao banco e continua com o seu olhar curioso recaído sobre mim. Naquele horário, eu via que algumas pessoas já se preparavam para fazer seus exercícios matinais em volta da praça, algumas passavam em volta e viam aquela cena peculiar, todas olhavam para o gato, talvez tentando entender o que ele estava fazendo; e eu apenas dava de ombros para aquilo.

Já estava ficando tarde para mim e o cansaço estava por vir. Apenas decidi bater a poeira das roupas, enquanto admirava uma última vez aquela paisagem calma e ir embora. Por um instinto comecei a bocejar e, nesse momento, uma pessoa passava caminhando, quase chegando perto de mim. Ela parou e olhou nos meus olhos, aquele foi o primeiro contato que alguém teve comigo durante aquele tempo com o animal. No mesmo instante, ela fez o sinal da cruz e correu amedrontada na direção contrária da minha.

Fiquei um tempo parado, pensando no que tinha acabado de acontecer. No final das contas me toquei e soltei uma leve risada. Pensei comigo mesmo que até eu sentiria arrepios e correria com medo, se estivesse vivo e visse essa cena. Apenas segui meu rumo segurando um sorriso, enquanto me desaparecia aos primeiros raios de sol daquela manhã.

Ano Novo

Mais um ano
E as pessoas comemorando
O que é pra ser diferente
Acaba sendo o mesmo

Várias promessas feitas
Com intuito de serem cumpridas
Mas com um grande risco de serem
quebradas
Perdura a violência

Que devasta todas as classes sociais
Principalmente os pobres
Pois eles não tem advogado
Os ricos usufruem do trabalho escravo

E a vasta população fica à mercê
De um governo corrupto e egoísta
“Vocês podem mudar a realidade”,
dizem os acomodados
“Eu tentei e fui reprimido”, respondem
os trabalhadores

Olá, você não é bem vindo aqui
Só entra quem tem fenótipo nobre
Caso contrário, volte para a sua terra
Igualdade é o que pedem

Não fazem um terço do que a gente faz
Estão certos, pois fazem bem mais
Numa batalha diferente
Nascer, crescer, contentar-se, fugir,
servir e ser educada

Nada foi imposto, mas todas são assim
Não quero imitar o outro
Quero viver a minha essência
Nã o m e d ê o r d e n s , d ê - m e
oportunidades

Sejais puro, e deixais que outros
façam o mesmo que desejas
Cogito, ergo sum delens
Podes ser o universo, contanto que
não sejais um átomo
Assim é a vida na sociedade
contemporânea

Prova para passar
Conteúdo ensinado
Tempo perdido
A ordem dos fatores não altera o
resultado

Só não citaram o modo como é
executado
Energia é igual ao alimento que não
necessitava vezes a comida
estragada
Milhares padecem de fome

E outros devorados pelo consumismo
Cada dia que passa
Pessoas nascem e morrem
E você apenas dorme

Nesse seu infinito mar de ignorância
Que na maré cheia afeta os navios e
seus capitães
E na maré baixa afeta a si mesmo
Como consegue um animal terrestre
viver sem o oxigênio?

E como conseguem os que não
gostam de leitura viver em um mundo
movido à informações?
Aqui fica a memória
De que não adianta mudar a data do
ano
Mas sim a vasta psique humana

Desvaneios juvenis

Todos os dias reflito sobre meu futuro, acredito que ele seja incerto e, sem dúvidas, abstrato. Ah, o futuro, a cada hora, a cada minuto, a cada milésimo de segundo corremos incessantemente em direção a ele. O futuro nos remete à ideia de mudança e isso me assusta um pouco, sei que aos poucos meu estilo de vida se perderá como uma névoa no tempo. O meu futuro, o seu futuro, o nosso futuro só o tempo dirá.

Todos os dias acordo e tenho a sensação que o tempo está passando mais rápido para mim, tic tac, tic tac. Me sinto aprisionado em meus pensamentos e tenho a companhia do tempo como carcereiro. Oh, minha doce e bela juventude, não quero perdê-la, já não sou mais uma criança e tampouco um ancião. Estou vivendo a melhor época e, se eu pudesse, casava-me contigo, viveríamos felizes pela eternidade.

Oh, eternidade. Por que és tão cobiçada? Por que és tão romantizada? Se apenas a conhecerei se for merecedor. Serei eu digno de receber tamanha honraria?

Enquanto a eternidade não chega, sou fiel a juventude, vivendo intensamente cada segundo que ainda me resta. A juventude é, sem dúvidas, a chama que me mantém vivo e, como todo jovem, sou sonhador, idealista e revolucionário. Como todo jovem, estou em busca do segredo da felicidade, mas ainda não o encontrei e não sei se algum dia eu o encontrarei.

FRANCO

O vento que me leva

Há tempos o vento sopra de lá pra cá
Do norte para o sul
Para o vale ele vem do mar.

De tardezinha, o vento vem chegar
Esbarrando numa cidadezinha
Que beira o rio do jaguar.

E, numa troca incessante, rio-vento-mar
Nossa água desce para desaguar
Enquanto o vento sobe e enxuga o nosso suor.

Nisso... despretensiosa, chega a noite singela,
Que canta um possível à capela *'IF i study'*
Canção essa que faz muitos mudar de lar.

Explicando um pouco a poesia:

O nosso rio desce no vale rumo ao mar na Cidade de Aracati, que nos dá em troca o Vento do Aracati, que nos traz um pouco de alento e frescor a nossa região no final da tarde. E lembremos um pouco dos alunos que vivem em nossa região jaguaribana e partem rumo a outras cidades em busca de oportunidades de emprego que, muitas vezes, vêm por conta do estudo no IF.

ISABEL CRISTINA CARLOS FERRO MELO

Carta aos poetas

Erguei-vos, poetas!
As profundas covas aos mortos pertencem.
Sois vida, amor e pecado!
Não sejais! Apenas cantais a morte, o ódio e a dor.
É o palco uma de vossas tantas estações.
Percorreis praças, corações e sertões!
Levantai-vos, poetas!
É covardia a indiferença.
Não deixais morrer o idealizado, o inusitado...
O coração tantas vezes ferido!
Não é azul o sangue que banha as vossas veias.
É vermelho!
O vermelho das mais loucas paixões.
Jamais esqueçais, Senhores poetas:
Que somente de vossos punhos jorrará poesia!

A vida e seus casulos

Qual a origem da vida? Ou qual o motivo da nossa existência? Ser livre ou ficar preso dentro de si mesmo? Muitos fazem essas mesmas perguntas ao redor do mundo, cada um com suas próprias concepções e opiniões formadas e preestabelecidas. A ideia de liberdade parece ser algo tão abstrato quando falamos de realidade vivida, onde os padrões que a sociedade impõe e os paradigmas predispostos são o caminho certo para seguir, assim dizem as elites sociais. Sabemos que o conceito de liberdade é ter autonomia para ir e vir, ter sua opinião ouvida com a soberania da sua expressão em palavras e pensamentos, além da independência de ser você.

Gostaria de fazer menção sobre o processo de vida de uma borboleta. Se observarmos, antes de alçar voo, ela precisa passar por alguns estágios para conquistar o privilégio de voar, realizando assim uma metamorfose natural. É um momento sofrido, lento, mas que não pode ser evitado, pois, se não houver esse acontecimento, ela não chegará na sua maior oportunidade, a de debater as suas lindas asas e se debruçar com o sentimento de dever cumprido. Dentro da sua forma imatura, ela vai aprendendo a ser lagarta, vivendo seus próprios medos ou dificuldades na sua transformação, permanecendo dentro de sua casca ou casulo e, muitas vezes, toda essa marcha para um novo ciclo é afligida por mudanças no clima, como o inverno rigoroso, mas, mesmo assim, ela continua na sua luta diária ou simplesmente esperando por dias melhores, como a resplandecência do sol surgindo no horizonte. Em certas ocasiões, a arte da es-

espera é inevitável; saber conduzir com maestria a paciência é ter a certeza de que em meio a esse aguardo, o futuro de ser borboleta será o fruto de toda a sementeira do passado.

Muitas pessoas estão nesse mesmo dinamismo de uma borboleta, passando por processos dolorosos e exaustivos em sua vida, alguns pensam até em desistir de todo o seu desenvolvimento, e a estagnação parece ser mais atrativa do que a busca pela mudança. Vivemos em um mundo onde tudo deve ser feito com perfeição, todos estão na sua própria correria, talvez em uma estrada onde a largada é para muitos, mas a chegada são para os mais preparados, os mais aptos, os considerados exorbitantemente mais fortes. E, com todas essas exigências sociais, boa parte de nós cria casulos interiores, aqueles que ficam guardadinhos em uma caixinha que só a gente tem a chave secreta para abrir e que, muito provavelmente, você tem a sua. Mas, diferente da lagarta que luta para criar asas e voar, e se tornar um lindo ser voador que encanta os ambientes e que traz mais cor aos jardins, algumas pessoas optam ou simplesmente não conseguem decolar e permanecem lagartas, dentro dos seus pensamentos de frustração, onde o medo é como um gigante pronto para devorar as metamorfoses da vida. A acomodação parece ser uma proteção firme contra as batalhas cotidianas e ser escravo de si mesmo torna-se um caminho sem volta.

Todavia, o mundo foi feito para ser conquistado, vivido, explorado, e manter-se na posição de escondido, sem barreiras para alcançar, sem metas para seguir, não torna você mais protegido, muito pelo contrário, te faz ser alguém com asas atrofiadas, machucadas, sem vontade da independência. Não que seja errado ou esse posicionamento de ficar sempre no mesmo lugar seja o incorreto, porém, nenhum ser humano é limitado; todos

nós com nossa personalidade temos o poder da fonte inesgotável de ser diferente, de marcar nossa história, de ser livre para voar para onde quisermos. Nenhum sofrimento é momentâneo, faz parte do desenvolvimento pessoal, profissional, ou espiritual de cada um e ouvir diálogos internos que falam a todo tempo que você não é capaz ou isso não é para você, é continuar preso dentro da caixinha, é ter o casulo como castelo de proteção, e isso é mera ilusão.

Desligue-se, se reconecte com o seu eu mais criativo, aquele que sempre sonhou em viver o impossível, porque para ele, na verdade, não existia impossibilidades. Volte a ter sua essência renovada. Talvez o casulo ou a casca ainda esteja presente, mas lute para sua transformação e não se importe pelo o que você tem e sim pelo o que você é hoje, o resto é consequência do que irá ser conquistado. A borboleta um dia foi lagarta e, se você está como lagarta hoje, se prepare para se tornar uma borboleta e viver o seu melhor momento. Não se compare aos outros, você é único, suas qualidades e defeitos são só seus, lembre-se que cada borboleta tem sua cor, algumas com manchinhas mais escuras, outras com cores mais exuberantes, já outras com cores mais claras, da mesma forma somos nós. Tribos diferentes, nações, raça, cor, cultura diferenciadas, cada um tem sua história para contar, que tal renovar a sua, ou simplesmente começá-la. Aquele sonho ou projeto que está no papel dentro daquela gaveta, tá na hora de colocar em prática.

Voe para longe, voe para perto, se transporte para onde o seu coração bater mais forte, mas não deixe de deslocar-se, a caminhada é longa, mas quem disse que seria fácil. Às vezes é preciso seguir sozinho, o processo é seu, a mudança é sua, embeleze sua metamorfose, mude de opinião ou permaneça nela. Não importa, ape-

nas tente. Afinal, você também é capaz e é uma borboleta que ama a liberdade e ela te chama de canto e diz bem baixinho no seu ouvido: Não permita ninguém dizer quem você é, não permita rótulos. Você nasceu para vencer e o seu melhor lugar é onde desejas estar.

Bata as asas e voe, pois o céu é o limite para você...

JOÃO ALISSON TOMÉ DE SOUSA

Tão Belo Aracaú

De nome Acaraú tu és chamado
Por Rio das Garças entendido
De tantas belezas contemplado
És um paraíso ao norte esculpido

Repleto de um povo apaixonado
Carregas consigo a essência cearense
É o município mais charmoso do Estado
Batalhador, orgulhoso e contundente

Tem o banho das mais belas praias
Do manguezal traz o verde-esperança
Não importa quem entra e quem saia
Terá em seu coração uma boa lembrança

A cada metro quadrado que ando
Lembro que sem ti não sei viver
Enquanto meu coração seguir pulsando
Meu Acaraú, sou orgulhoso por te ter

JOÃO ALISSON



JOÃO MARCOS DE ARAUJO LIMA

Mulher

Sabe daquela menina
Que vivia enclausurada?
Por dentro desesperada
Que quem vê nem imagina,
Com sua aura feminina
Hoje se encontra curada.

Ela que chorava tanto
Soluçava às escondidas,
Suas mãos umedecidas
Das cascatas de seu pranto,
Que com o tempo, no entanto
Regou no peito outras vidas.

Entre os outros seu sorriso
Camuflava as suas dores,
Seu olhar via temores.
Sentia o peito impreciso,
Um turbilhão no juízo
Que atijava seus pavores.

Às vezes não suportava
Sangrava seus sentimentos,
Na enchente de pensamentos
Ela sempre se afogava.
Mesmo inocente julgava
Sua culpa em julgamentos.

Apesar de sua ternura
Demonstrar normalidade,
Aquele felicidade
Era somente moldura,
Por dentro aquela amargura
Vinha com ferocidade.

Sua rotina tão tensa
Tantos medos ao redor,
O pavor de algo pior
Se tornava uma doença.
Porém, veio a recompensa
Fruto só de seu suor.

Não foi fácil, eu imagino
Restaurar a confiança,
Uma menina, criança
Nesse maldito destino,
Mas seu eco feminino
Driblou sua insegurança.

Talvez só necessitasse
De um abraço, de um afago,
Algo que não fosse vago
E que nela se encaixasse,
Que viesse e que ficasse
E que não causasse estrago.

Seus imanentes desejos
Rompidos em estilhaços,
Se juntaram nos meus braços.
E dentre tantos ensejos,
Correrias e bocejos
Acertamos nossos passos.

Nos seus ombros já chorei
Com você também querendo,
Mas por fora se abstendo
Moça, eu te conheço e sei,
Tu me apoiou, te apoiei
E assim fomos renascendo.

Por vezes te acho até boba
Por também me achar bobo,
Sei que achas que sou probo
Eu também te acho proba,
No fim tu és minha loba
Eu também só sou teu lobo.

Tua força que me inspira
Teu desejo me inebria
Teu poder possui magia
Ar que o meu peito respira,
Que a própria essência
admira
A sua filosofia.

Tua luta contra os medos
Revestida de humildade
Seu peito aberto, em
verdade
Libertou-a dos degredos.
Fez controlar seus segredos
E ter mais sororidade.

Não precisa mais chorar
Mulher que o mundo fascina,
Sua alma que ilumina
A qualquer um que te olhar,
Mulher que sabe se amar
Pela aura feminina.

JOSÉ DJAVAN ALVES DE OLIVEIRA

Há um vazio

Há um vazio dentro de mim.
Não é fome, não é sede.
Necessito descanso, serve uma rede.
Olho nos olhos do mundo,
Tempos sombrios,
Cada dia um absurdo,
Chega dá arrepios.
Quando a voz cessa,
Aquele que clama,
Há algo errado,
No enredo ou na trama.
Quando os músculos param,
E aí do coração, tão raro,
Frente a dor, o negaram.
Há um vazio social,
Nas cidades, nos bairros, casas
E nas esquina, à espreita,
Há algo que não é normal.
No ar, paira, inerte, feito balão,
Tão perto uns dos outros,
A chamada, abafada,
O seu nome é solidão.

JOSÉ DJAVAN



JOSÉ BARBOZA

Conto

Alguém sentou-se ao meu lado na cama
Passou a mão pelos meus cabelos e acariciou o meu
rosto

O céu estava coberto pela escuridão
Da escuridão saiu uma voz doce
dizendo-me para acordar.

A voz contou-me sobre minha vida
como se ela estivesse escrita nas páginas de um livro
A doçura na voz tornou-se pena
e então rudeza

A mão que acariciava virou garras que arranhavam.

Ela então me mostrou as consequências de uma vida
como a minha
Disse-me que mãos continuariam a me tocar como a dela
Que abraços sem segundas intenções seriam raros
Que o amor seria uma piada ácida
E que meus sonhos seriam excursões às cicatrizes.

Sua voz calou-se com a mão sobre o meu peito
Seu indicador passou a desenhar espirais que adentraram
meu coração e o resumiram a pó
A outra mão enxugou minhas lágrimas que eu não sentia
escorrerem

Da escuridão brotou o meu rosto e ele também chorava.

Caminhos da mente

A moça desceu do ônibus. Era quase 00:00 horas da noite, vinha da faculdade que ficava em uma cidade vizinha, há 12 km de distância. O percurso durava, em média, 30 minutos. Era estudante do quinto período de Letras de uma universidade pública. Sua rotina diária era assim: acordava cinco da manhã, às 06:45 horas chegava no trabalho, corria para não se atrasar para as aulas à noite, pegava o busão, cochilava, estudava, se cansava, mas sempre estava lá.

Nessa noite choveu o percurso todo de volta para casa; alguns relâmpagos brilhavam no céu, clareando a noite escura e fria. Amabel então desceu do ônibus e foi caminhando lentamente até sua casa que ficava uns 500m de distância dali. Sentia fome, sono e medo por estar a caminhar só tal hora da noite, sem ninguém para lhe acompanhar, sem ninguém na rua. Durante o percurso foi se deparando com coisas inusitadas que trouxeram à tona muita adrenalina e a deixaram em alerta. Na metade do caminho, pulou de susto quando um cachorro saiu de um corredor escuro latindo bravamente em sua direção. É só um cachorro! Pensou e seguiu seu caminho assustada. O barulho de um trovão mais uma vez a deixa eufórica a ponto de dar um grito baixinho no meio do nada! O coração acelerou, mas continuou sua caminhada.

Amabel chegando ao final de sua volta para casa, em uma encruzilhada escura, sem casas por perto, um breu, a única coisa que ela percebia era a luz dos relâmpagos no meio do céu. De repente, uma luz que não

era relâmpago se acendeu na escuridão. Os olhos de Amabel se arregalaram e o coração começou a dar pulos no peito, as pernas tremiam, um suor frio misturado com um calor surgiram repentinamente e a mente pensou: Tomara que sejam vagalumes, passando um filme de tantas coisas ruins que poderiam lhe acontecer ali, sem ninguém para lhe ajudar. A luz se acendeu mais uma vez e outra vez na escuridão e nada aconteceu...

Não era nada, pensou! Eis que aquela luz reaparece e começa a se espalhar, formando um círculo de fogo do tamanho de uma bola de futebol e, atrás dela, a sombra de um homem com as mãos levantadas, como se fosse ele quem controlava aquela luz. Imediatamente, Amabel sentiu um arrepio na espinha, misturada a uma sensação de estar flutuando de tanto medo, uma dormência no corpo e na alma, a pior sensação que ela já teve na vida. O homem começou a vir em sua direção e ela, pálida, congelou de tanto medo; não conseguia se mover.

Então... Amabel escuta uma voz lá no fundo do seu inconsciente dizendo... Ei, Moça! Moça? O ônibus chegou na sua parada, vai descer não? Ela, então, atordoada, se dá conta de que tudo aquilo não passava de um sonho, e deu graças a Deus por isso, respirando aliviada. Foi só um sonho! Amabel então desce e caminha até sua casa em paz como de costume há pelo menos 3 anos! E a única luz que viu pelo caminho era a de vagalumes que acendiam e apagavam a todo momento.

LEILANE LIMA ALMEIDA EVANGELISTA

Sobre o Dia dos Professores

15.10.2021

Ao entrar naquela sala, naquela tarde, sentei nos degraus e fiz um rápido pedido, mas um pedido de verdadeira dependência: “Pai, me ajuda ... capacita-me nesta tarde com as crianças...” Quem nunca mentalizou esse pedido...?

A segunda turma, somente uma menina veio... O nome dela é Radhassa*. Ela não fazia parte daquela turma devido à idade; por ser maior, se enquadra nas oficinas dos outros dias, mas decidi conversar com ela. Nesse dia, planejei partir as atividades tendo como ponto de partida a Primeira Grande Lição da Educação Cósmica da Metodologia de Montessori. Essa lição está inserida no currículo de 6 a 12 anos e vai trabalhar a percepção científica dos fenômenos cotidianos, mas começa pelo começo de todas as coisas.

Fizemos um percurso, na contação de história, desde o surgimento da luz até a chegada da própria Radhassa em sua família. Passei pelo significado de seu nome, significa Estrela, e li a história da personagem Rainha Radhassa, da cultura hebraica. Ela se mostrava encantada e não tinha conhecimento do significado do nome dela.

Tive a oportunidade de firmar sua identidade e afirmar o quanto ela era especial. Surpreendentemente, para mim, ao questioná-la se ela sabia que ela era tão especial, ela

respondeu que não sabia... Li verdade em sua afirmação. Perguntei se ela gostaria de fazer um desenho, ela afirmou que sim e disse mais: - Vou fazer um poema. E começou o seu trabalho.

Sua escrita fluía bem e poucos erros ortográficos, somente dois. Em seu desenho, uma sereia sorridente pousava sobre um coração e sob o coração dizia: “Pai, eu amo sua presença. Teu sorriso é vida em mim.” E se dedicava a pintar seu desenho. Perguntei com quem ela morava, pois nesses momentos conversei para conhecer suas histórias. Ela me disse: - Moro com meu pai e minha avó. - E sua mãe? - perguntei. Logo outro menor interveio e, ansiosamente, informa: - Ela morreu, tia! Logo peço para que ele se acalme e deixe ela contar.

Ela explica: - Primeiro foi minha irmãzinha e depois minha mãe foi encontrar com ela. Deus está cuidando da minha mãe. Deus a levou para cuidar da minha irmãzinha.” Fala com convicção e resignação. Pensei: será que foi de parto?

Logo depois fiquei sabendo que sua mãe tinha sido assassinada por questões relacionadas ao tráfico. Torturada e assassinada. Deixando duas filhas pequenas aos cuidados da avó e do pai.

A triste história de sua genitora eu já tinha ouvido falar pelo impacto que teve na comunidade. Depois de 5 meses, cruço com a vidinha de sua filha que tem continuado sua pequena história de 9 anos, no mesmo contexto de vulnerabilidade de sua mãe, de sua vó...

O que pode fazer uma história mudar de direção? Mesmo em contextos sociais semelhantes?



LUANA MARIANO

Carta

Ela demorava anos para chegar
Vinha cheia de novidades e saudades
Fazendo qualquer um se emocionar

Não existia nenhuma data prevista
O que restava era manter a fé
E esperança que um dia fosse vista

Embora toda essa dificuldade
Todos viviam satisfeitos e alegres
Pois tudo ali escrito era de verdade

Atualmente o nosso mundo mudou
Está tudo bem mais diferente
Veio a tecnologia e tudo se transformou

Atendendo tudo o que é necessidade
De se comunicar com todo o redor
Através da rede social na atualidade

E isso virou um vício mundial
Não só aproximou quem tava longe
Mas nos afastou do mundo real.

Acopiara, 12 de novembro de 2021.

Receita da felicidade

No meu peito arde saudade...
Saudade do xibé com limão
Do cheiro e do chiado da panela
de feijão
Do café com pupunha
Do açaí com peixe e farinha

Saudade da rainha
Que das tantas rendia
Farinha, tucupi e tapioca
Saudade dos dias quentes à
beira do Tapajós

Peixe fresco é Mercado 2000
Camarão seco, mari-mari e
tucumã
Peixe bom é acarí assado com
pirão

Vatapá só é de rocha com
jambú
Aquele que cresce debaixo do
jirau

Saudade me faz chorar
Lembrando os banhos de
igarapé
Das risadas com carimbó
Das castanhas-do-Pará que eu
quebrava no dente

Farinha, sal... pimenta
malagueta
Peixe assado no remo
Encontro das águas

Tacacá bem azedo
Pajurá, ingá, taperebá e araçá-
boi

Pra quem é falador, meio abiu
basta
Pra festa ir pra frente
Três goles de cachaça de
Jambú

Jucá na ferida
Andiroba com copaíba na
goela
Xarope de cumarú e
mangarataia

Chá de raiz de açazeiro
Banha de sucurijú
Emplasto de breu com cola-
osso
Rapé pra ficar em paz

Charutinho é frito
Tracajá é guisado com farofa
Jacaré é gostoso
Mas pato no tucupi não tem
igual

Perto de castanheira só passe
correndo
E pra colher cupuaçu, não tenha
pressa

Pra entrar na mata,
Peça licença ao guardião
Se não o Curupira te pega

Nas águas de lara agradeça
E com boto só dance nas noites
de luar

Jamaxim com curumim
dentro
Roçado feito
Maniva e milho pra vingar

Mulher cozinhando a boia
Água no pote
Pimenta apurando no sol

Tarubá e caxirí
Puxirum e piracaia
Peixe e moquem

Comida, histórias, casa e
saudade
Entre um tacacá e outro
Eu banho em Alter-do-Chão.

Sonho lúcido

Eu não sei como isso começou, mas quando percebi estava correndo na chuva, segurando meu guarda-chuva transparente o mais forte que conseguia para não se molhar. Estava no meio da faixa de pedestres quando o sinal fechou; tive de correr mais. Corria em direção à loja de conveniência mais próxima, daquelas que ficam abertas vinte e quatro horas.

Você estava atrás daquele balcão, entediado, esperando as horas passarem para ir para casa e dormir até às três da tarde. Trocamos olhares enquanto você passava minhas compras e fui embora.

Comecei a ir toda semana e descobri que você só trabalha aos fins de semana; então passei a ir aos fins de semana. Começamos a conversar, trocamos os números, rimos das nossas piadas, saímos juntos. Foi bizarro o quanto você me completava, até mesmo nas coisas mais aleatórias como a forma de montar um sanduíche.

Quando eu senti aquele sentimento estranho, já estávamos morando juntos. Você desempacotava suas coisas em meu apartamento. Eu olhava ao redor. Apesar de bagunçado, algo estava fora do lugar. Era você.

O tempo passou e você também. Nós brigávamos por coisas bobas, nunca estávamos no mesmo lugar, sequer dormíamos na mesma cama. Eu tocava em suas coisas, sentia todo o amor que você poderia transmitir, mas ele não estava mais em você, tão pouco em mim.

Quando você foi embora, tudo parecia vazio, inclusive eu mesmo. Era como se o brilho das estrelas que já morreram parassem de chegar à terra de repente.

Não conseguia ouvir seu violão de fundo, sempre que chegava em casa. Não conseguia ver você dançar para me animar quando triste. Não conseguia ver você. Como se a memória de você aqui nunca tivesse existido.

E é por isso que estou contando isso. Eu te vi no mesmo lugar que nos conhecemos, agora você era o gerente. Nossos olhares se cruzaram, mas nada aconteceu. Eu não sabia seu nome e você não sabia o meu. E nunca saberei. Nunca saberei se foi uma memória ou um sonho lúcido.

MARIA DAMILLY PAZ GONÇALVES

Excesso

Começo com a boca seca, os dedos trêmulos e a mente
tentando lembrar da semana passada...do dia anterior,
O gosto das mágoas seduzindo as mãos a trabalharem,
Ponto!

Fim de ano...

Festejo do homem do século XXI ao fim de mais 365 dias
gastos em...empatia?
A penumbra em forma de homem.

Homem que não quer ser homem,
Quer ser estrela, luz, herói, tudo menos homem.
Mascarado pelo excesso do julgamento alheio,
Alheio aos olhos, à boca, aos dedos, ao corpo que treme à
exceção egoísta das coisas.

Eu, tu, nós...

Eles.

Misturando-se no mar do individualismo,
Individualismo naturalmente egoísta.

Obrigação ser...

Mergulhando mentirosamente?

Mentira própria,

Mentira alheia,

Dependência física e emocional do fingimento.

Mergulhando...

Cedendo à superfície rasa que nos impede de voltar atrás,
Desmentir...consertar!

Ah, a superfície!

Tão bela, tão formosa,

A mais próxima do perdão sem humilhação.

Tua natureza, tão natural.
O fio que amarra outros indivíduos à beira do mar imortal da
infelicidade.

(Repetição, ... desculpe o pessimismo)
Autor e leitor da própria história,
Cria e vê passar.

Amantes do tempo que lembra o passado,
Afogando-se novamente no temporal do mar individualista,
Remoendo e roendo pedaços de lucidez,
Sobriedade pura!
Deita na cama com os olhos secos, lágrimas inexistentes...
E sente...!

Sente o cheiro fúnebre originado da morte sem despedida,
Súplica! Morte vagando!
Bebendo o mar na tentativa de chegar à superfície,
Tudo acabado, cansado, miúdo,
Tudo simples demais?
Tão simples que leva ao complicado das coisas,
Mundo simples não combina com o homem do século XXI,
Escravos da complexidade e do tempo.

MARIA DAMILLY



MARIA DO SOCORRO FRANÇA SILVA

Ela
Tinha urgência de felicidade
Presente, acesa em seu casto olhar...
Ancorada na solidão dos dias,
Permanecia excelsa.
E ora, vinha-lhe a volúpia
Escarnecendo-lhe n'alma.
Negligenciada na calma.
Ativez, cortante na palma.

E os dias foram se diluindo, esvaindo-se!
E degustava vorazmente sua efervescência
Na fugacidade da penumbra que se encerra,
que paralisa os desejos mais insanos,
íntimos, veladamente profanos.

E as rubras faces perdiam
a tonicidade vivaz de ontem.
Eminentemente deflorando os anos,
as horas, do tempo decorrido.
E fez do instante, clandestinamente,
sucumbido.

É a vida!
É o tempo gasto!
É a natureza transfigurada
na fugaz certeza!
Partida!

MARIA ELAIZ BRAZ DA SILVA

Um pouco de cordel no coração

sou caboclo do sertão
sou agoniado mesmo
feito um avião
um pouco abestalhado
feito um cachorro atrapalhado
sou aperreado
não sou rico como o céu estrelado
mas tenho a riqueza do amor no coração
e com o sorriso sempre na mão

MARIA LETICIA MESQUITA FROTA

Crescer

Acordou, fez o café e sentiu o vapor em seu rosto - que ficou úmido. Quando percebeu os 500 ml de café, deu um riso curto - como se zombasse de si mesmo - e disse: "É o hábito! Eu não tomo tudo isso". Esse era um daqueles dias em que ficava pensativo, lembrando o passado. Era quase como um super poder, sentimentos de uma vida toda revividos em um pensamento.

No metrô, indo para o trabalho - que considerava sem sentido e sem importância, assim como todas as outras coisas que fazia no dia a dia - escutava o som do próprio coração batendo. Observava pessoas agitadas, correndo de um lado para o outro - como sempre, todas atrasadas. Tudo tão rápido, os sentimentos, o metrô, o coração, as pessoas e o tempo.

No trabalho, a única coisa boa era uma janela em frente à sua mesa. Às 17h30, olhava lá fora para ver o pôr do sol, e procurava escutar o barulho do vento batendo nas folhas das árvores. A sua vontade era ficar lá e ver aquela mesma cena, 44 vezes - de tudo o que já havia visto, aquilo era o mais próximo da perfeição.

Já de volta em seu apartamento, começa a falar consigo mesmo em voz alta: "eu devia ter ficado lá". Em uma tentativa fracassada de ser otimista, se contrapõe: "mas aqui posso ler em paz". Todo aquele silêncio tão desejado outrora, agora o incomodava profundamente - coloca, então, um fone nos ouvidos, escuta "Have you ever seen the rain" e dorme.

Amanhece, acorda com o alarme, é aquela mesma música, que continua exatamente de onde parou quando dormiu, nem estranhou. Não quer levantar, só ficar deitado e aproveitar cada nota - todo acorde. Ficou pensando em faltar ao trabalho e dizer que estava doente, mas, antes que pudesse abrir os olhos, chega a mãe perguntando se ele não vai desligar o alarme e levantar.

Num primeiro momento se assustou. O que sua mãe estaria fazendo ali? Nem tinha percebido que não estava em seu apartamento. Sentiu o cheiro do café, o perfume da mãe, escutou o barulho do carro do pai, a guitarra do irmão e sentiu-se bem depois de tanto tempo - estava em casa. Uma segunda chance. Talvez nem merecesse, pois sabia que mais tarde cometeria o mesmo erro.

MARIA VIEIRA DA SILVA

O sorriso de uma criança

O sorriso de uma criança
É como a pétala de uma flor,
Quando se abre pro mundo
Vem despertando o amor

É um sorriso inocente
Que não contém falsidade
Vem trazendo esperança
E muita felicidade

Quando uma criança ri
Faz todo lar se alegrar
Traz naquela hora a paz
Que devia sempre reinar

Como regamos as plantinhas
Devemos regar o sorriso
De uma criança inocente
Que nos leva ao paraíso

Sorrir é viver bem e feliz
Como uma criança faz.
Vamos tentar imitá-la?!
Para que tenhamos paz?! A
nossa sociedade
Já não tem mais esperança!
Vamos resgatar tudo isso
No sorriso de uma criança?!

Pois é onde tudo existe:
Amor, paz e esperança
Inocência, justiça e
humildade,
E muita perseverança!!!

MARIA MADEIRA

Uma relação

Fomos desconhecidos e estranhos.
Fomos conhecidos e vulgares.
Fomos forasteiros e estrangeiros.
Fomos esquisitos, excêntricos e invulgares
E, então, fomos contraste e incompatibilidade
Agora somos estranhos novamente
Se movendo para longe um do outro
Procurando outros pontos, outras pessoas e outros
lugares.

MÁRIO WILSON PAIVA PEREIRA

Quando a Pandemia passar!

Ah, quando a pandemia passar!
Que histórias será que eu vou contar?
Como vi, senti, chorei e sorri
Conversando com quem ontem estava perto
E agora só pela tela do celular

Ah, quando a pandemia passar!
Professor vai ser valorizado
Profissional de enfermagem há de ser bem pago
E o auxílio, dignidade vai resgatar
Será que esse legado nosso governo quer deixar?

Ah, quando a pandemia passar!
O sonho perde espaço para a realidade
Com o pantanal e o Amazônia queimando
O negacionismo imperando
E a boiada passando

Ah, quando a Pandemia passar!
Um misto de tristeza e alegria
A gente vai continuar a vivenciar
Há de ser mais fácil de encarar
Se a gente puder voltar a se abraçar!

Ah, quando a pandemia passar!

MESSIAS PINHEIRO

Ser. Sou. Somos.

Queria eu ser o travesseiro de sua cama,
O lençol que te cobre e o vento que toca a sua pele.
Queria eu ser o transporte que te conduz,
A roupa que te veste e a água que tu bebes.
Queria eu ser o céu de tuas noites,
O sol de seus dias e a canção que tu ouves.

Mas...
Eu sou um outro ser.

Não sou uma parte da laranja,
Sou a própria laranja.
Não sou a panela de sua tampa, nem a tampa de sua
panela,
Sou panela de pressão.

Sou um ser em construção,
Sou totalidade
Sou...
... Corpo,
... Alma,
... Coração.
Sou sentimento/razão.
Eu a espera de ti, para assim, sermos nós.

Mais essência, menos forma

Um dos princípios da contabilidade diz que a essência está acima da forma. Na verdade, eu não entendo nada de contabilidade, mas essa frase me impactou como um soco no estômago. É certo que eu nunca levei um soco no estômago, provavelmente você também não, mas nós sabemos exatamente como deve ser.

Ok, sem perder o foco. A questão é que as regras são necessárias para manter a ordem e a burocracia é válida no sentido de garantir a justiça. O problema é que, para além das normas e burocracias, estão as pessoas; complexas, com sentimentos, dotadas de virtudes e defeitos. Acima de tudo, pessoas que merecem ser tratadas como pessoas.

Nós, frequentemente, confundimos quem somos com o que fazemos, achamos que felicidade está associada a bens de consumo, e tudo isso é um grande erro. Antes do profissional, somos pessoas, isso mesmo, e só isso, uma pessoa, como qualquer outra.

Por que é tão difícil perceber que antes do profissional está a pessoa? Deve ser porque é mais fácil lidar com um profissional, afinal, a profissão é certa, quase exata, eu sei o que é um professor, é fácil definir, eu sei o que esperar de um professor. Ele deve ter boa didática, paciência, deve ser criativo, deve dominar o conteúdo. Mas

e a pessoa? Eu não sei a história dele, não sei suas experiências, traumas, princípios... Como lidar com algo tão complexo? Ou melhor, como lidar com alguém tão complexo?

Antes de existir o professor existe a pessoa, com sentimentos, especificidades e personalidade que deve ser respeitada. Uma das maravilhas da criação é a diversidade. Querer dissociar a pessoa do profissional é cruel e nos impede de aceitar o diferente.

É triste quando a própria pessoa já não sabe quem é porque se torrou a profissão. Quando te perguntam “quem você é?”, o que você responde? Se por acaso a primeira coisa que vem a sua cabeça é sua profissão, sinto informar que você perdeu um pouco de si mesmo, meu caro colega. O lado positivo é que nunca é tarde para se reencontrar.

A romantização da produção a todo custo nos leva a sacrificar o hoje para construir um “futuro”. Então, optamos pelo alimento industrializado para economizar tempo e produzir mais. Temos uma rotina sedentária porque não há tempo para esporte, como se a máquina (nosso corpo) funcionasse sem manutenção, doce ilusão que a juventude nos dá.

Mas esse texto não era pra ser depressivo. Foco. Quando entendi que todos somos pessoas antes de profissionais passei a ter mais empatia por mim e pelos outros, a vida se tornou mais leve, o perdão mais frequente e a paz tomou lugar.

Talvez você não seja exatamente aquilo que esperava há alguns anos atrás, ou talvez você seja quem sonhava, mas, ainda assim, as coisas não estão como o esperado.

Às vezes, levamos tanto tempo para atingir nosso objetivo que, quando conseguimos, não sabemos mais o que fazer, pois só o que sabemos é buscá-lo e não vivenciá-lo.

Você não tem ideia como isso é comum. As pessoas disfarçam bem, mas todos passamos pelos mesmos dilemas. Não há nada de errado nisso, nada, absolutamente, nada! Você é o que é, suas experiências lhe trouxeram até aqui. Você precisa aceitar a pessoa que você se tornou e, se você não sabe que pessoa é essa, tudo bem também, essa é uma ótima oportunidade para descobrir. Uma coisa tenha certeza: você não é sua profissão. Ela é apenas parte de você.

Nunca coloque a forma acima da essência, seria trágico. Descubra-se. Reinvente-se. Tenha mais empatia pelas pessoas. Quando, por exemplo, uma atendente não for tão simpática com você, lembre-se que, antes da atendente tem uma pessoa, cheia de variáveis, complexa, como você. Quando um professor não lhe parecer fenomenal, lembre-se: ele é uma pessoa, como você, imperfeito. Quando seu aluno não for exemplar, lembre-se de que antes do aluno está a pessoa. Não julgue, não defina uma pessoa por um momento ou ação, nem mesmo se essa pessoa for você.

Mais essência, menos forma, não faz mal a ninguém.

NIDSON MAIA MACIEL

Quem me dera

Queria eu falar de sol amarelo,
de retas e castelos,
como fizeram os grandes poetas do Brasil,
de garotas,
de praias,
ou até mesmo dessa pátria mãe gentil,
que, afinal,
nunca foi tão gentil.

Quem me dera conseguir expressar,
entre linhas a dor de um país,
e o que foi nossa ditadura militar,
o sentimento de um exilado,
por simplesmente ter falado,
das coisas do Brasil.

Hoje, mesmo depois de tanto tempo,
se me perguntar,
se me sinto livre para expressar
esse sentimento,
com uma dor no olhar,
responderei,
existe mais de uma forma de censura
e, mesmo não estando em uma ditadura,
meus direitos são retirados
e, mesmo podendo escrever,
me sinto censurado.

NIDSON MAIA MACIEL



Sentir Diferente

Depois de 20 anos, levantou-se um muro naquela casa. A infância ficou do lado de dentro.

Era uma menina gordinha, desajeitada e sensível. Apaixonada por livros e pelos Bananas de Pijama. Uma menina desde cedo lutando para ser entendida. Chorava baixinho quase todos os dias, porque ir à escola e ter todos aqueles estímulos auditivos e sensoriais era demais para ela. Mas ela tinha amigos imaginários e esses a entendiam.

A menina tentava falar e explicar o que se passava naquela cabeça gritante. Ela não sabia. Ninguém sabia. Seu corpo, aos poucos, somatizava situações e ela facilmente ficava doente. Ninguém enxergava, naqueles olhos tão pequenos, a dor que ela trazia consigo.

Os anos aumentavam e as dificuldades também. Não entender quem se é e por quê ser tão diferente da maioria quase que absoluta não fazia sentido, apenas doía.

Anos depois, ela soube que não tinha nada de errado. Era apenas uma configuração cerebral diferente que a ciência atual ainda não sabe de muita coisa, afinal é um espectro. Mas, até então, os pensamentos, o peso e a solidão parecem que fizeram morada naquele ser. Pareciam não ter fim.

Ela não saiu do muro. Ela o arrebentou! Fez um enorme buraco naquela prisão. Agora ela sabe o quanto é especial, única e forte (ela quer acreditar que é), por não se encaixar nesse mundo e por tentar fazer a diferença todos os dias. Ela é Amor. Ela é Neurodiversa. Ela é Autista.

Eu sou Autista.

RICARDO CORREIA COSTA

A última carta de um imortal

Deixe-me que escreva minha última carta
Uma carta para todo o mundo,
Permita-me registrar nela minhas memórias
E, junto a elas, repassar o segredo de um imortal.

Depois de finalmente entender a imortalidade,
A vida se tornou mais bela,
E até mesmo a morte não parece tão apavorante,
Neste ciclo sem fim, de histórias mal acabadas.

Deixo nessa carta sem sentido,
Registrada a minha última criação,
Registrada minha última descoberta,
E registrado o almejado segredo de um ser imortal.

Este segredo tão tolo, que nunca foi descoberto,
Tão bobo, que até parece uma piada,
E tão simples, que chega a ser ignorado por todos,
Eu pergunto a vocês, quando acham que alguém morre?

Acham que as pessoas morrem quando atingidas por
uma bala?
Quando perdem a luta contra uma doença incurável? Ou
quando bebem uma sopa de um cogumelo venenoso?
Não, nada disso, agora revelarei o segredo!

As pessoas só morrem quando são esquecidas,
Enquanto isso não acontecer, elas viverão eternamente
No coração daqueles que o amam,
E este é o cobiçado segredo de um imortal.

Deixo nesta carta tudo que me resta.
Deixo para vocês todas as minhas lembranças.
Deixo tudo nesta única mensagem,
Para que jamais esqueçam de mim.

Por fim, deixo, neste poema, a mensagem de um tolo,
De um homem tão ingênuo a ponto de acreditar
em um mito,
De um homem louco, que buscava a cura para a alma,
A mensagem de um sábio, que dizia
Para nunca deixarmos os sonhos morrerem,
E jamais permitir que a esperança desapareça.

RICARDO CORREIA COSTA



SAMARA COSTA

Somos Instantes

No sopro da existência
Nossa vida é fecundada.
Ganha ar e se transforma,
Passa a ser vida gerada.
Pequenos seres do antes
Nós somos apenas instantes,
E num instante não somos
nada.

Ser crescente o aprendiz
Consciente quanto ao nada.
Com leveza e pureza,
Segue a sua estrada.
E nesse caminho avante,
Nós somos apenas instantes
E num instante não somos
nada.

Ao crescer ganhamos força,
Uma forma estruturada.
A busca por novos caminhos,
Nos segue nessa jornada.
Uns eternos caminhantes.
Nós somos apenas instantes
E num instante não somos
nada.

E quando adultos inquietos,
Seguindo várias estradas.
Na busca por uma seta,
A ter a vida renovada.
Vivendo no inconstante
Nós somos apenas instantes
E num instante não somos
nada.

Na sabedoria da vida,
O tempo dá uma parada
Os dias já são mais longos,
Já se vê a passarada.
Nesse tempo não há avante,
Nós somos apenas instantes
E num instante não somos
nada.

No espetáculo da vida
Voltamos ao nosso nada
A luz então escurece
A cortina é fechada
Seremos luz adiante
Nós somos apenas instantes
E num instante não somos
nada.

SAMARA COSTA



VITÓRIA

Vitória

Ouvi falar que o nome de uma pessoa anuncia seu destino. Vitória, às vezes, passava o dia sentindo saudades de coisas que nunca viveu, pensamentos que pairavam sobre um tempo que ainda não era o agora, tão pouco o passado nem o futuro. Onde andaria Vitória?

Desde que começou a ter noção de que estava no mundo e precisava se adaptar à vida, que nunca foi suave, entendeu que sua sobrevivência, física e emocional, dependia mais de si mesma do que de qualquer outra pessoa. A experiência de vida chamada infância passou meio despercebida, no entanto, como quase todas as crianças, Vitória brincava com os primos, que eram seus amigos.

Quando estava no terreiro de casa brincando, era uma criança feliz. Mas quando entrava no ninho, a tristeza lhe tomava a alma. Seu pai era alcoólatra e toda vez que bebia, era uma confusão dentro de casa, tornando as noites uma tempestade de sons e palavras assustadoras que, em sua cabeça de criança, minavam o sono e os sonhos e não faziam sentido.

Sempre foi uma menina reservada e passou por todo o sofrimento sozinha. As primas, que eram suas amigas mais próximas, nunca a ouviram lamentar por passar a noite acordada, velando as discussões de pai e mãe. Fortaleza e timidez a definiam e conviviam dentro de si. Tentava ser forte e aguentar tudo calada, pois era obrigada a não falar nada pra ninguém, mas repousava na vergonha que sentia do que as pessoas iriam falar de sua família.

Vitória nasceu numa família de analfabetos, e de pessoas que não acreditavam que a educação era o ca-

minho para um futuro melhor. Seus pais casaram cedo e seus primeiros filhos foram um casal de gêmeos, Vitória e Vitor. Os anos passavam e sua mãe resistia à ideia de colocá-los na escola, pois achava que não valeria a pena. No entanto, à revelia das expectativas dos pais, quando foram matriculados, aos seis anos de idade, o casal de gêmeos só recebia elogios por serem tão dedicados aos estudos e, logo nas primeiras semanas, já conseguiam escrever os próprios nomes.

O nome. Vitória. Uma criança carinhosa, inteligente, cheia de sonhos, mas com um coração cheio de cicatrizes de medos, angústias e tristezas profundas. Ouvir e ver o pai agredir a mãe era uma rotina. As brigas aconteciam mais à noite e, ao amanhecer, Vitória ia para a escola como se nada tivesse acontecido. Algumas noites chorava até adormecer e, em outras, clamava a Deus que seu pai não matasse sua mãe. Muitas vezes, quando estava em seu quarto e escutava o silêncio no quarto dos pais, começava a chorar, pois já que as brigas eram suas vidas, o silêncio poderia ser a morte e seu coração só sossegava quando o dia amanhecia e ela ouvia a voz da guerreira.

Por causa do sofrimento, cresceu odiando a noite. Pelo seu gosto, só existiria o dia que, por sua vez, invariavelmente, anoitecia, trazendo o medo sobre o que, mais uma vez, poria em dúvida um novo amanhecer.

A vida em convulsão tomou o corpo todo de Vitória. Saúde frágil, olheiras profundas, desassossego na alma de criança. Vitória teve mais três irmãos. No entanto, as pessoas sempre falavam que ela era diferente dos demais. E isso era verdade. Apesar das dificuldades da vida, ela sempre amou estudar. Via nos livros um futuro melhor para ela e sua família, além de trazer-lhes pistas sobre como entender suas dores internas.

Mesmo com todas as pessoas da sua família contra, Vitória continuou acreditando nos seus estudos. Alcançou o Ensino Médio, apesar de ter dias que não tinha o que almoçar antes de sair para a escola, muito menos dinheiro

para comprar lanche. Mesmo assim não desistiu. Tinha dias que ia para a aula e não conseguia se concentrar, com medo de chegar em casa e não encontrar sua mãe com vida. Quando alguém perguntava se ela tinha chorado, falava que era um cisco que tinha caído no olho. Com tudo isso, tudo o que Vitória queria era se encontrar e ter paz.

Ao terminar o Ensino Médio, conseguiu um emprego em uma livraria e começou a ajudar nas despesas de casa. Conheceu um rapaz, teve um pequeno romance com ele, mas foi obrigada a deixá-lo, porque seguiam religiões diferentes. Mais uma dor para a coleção de Vitória, que não conseguia sair do jugo do medo e da opressão. Não conseguia dizer não ao que amordaçava seu coração. Tinha, porém, um pensamento fixo, que as pessoas não conseguiam convencê-la do contrário: os estudos.

Certo dia, resolveu sair da livraria e fazer faculdade. Foi um período muito difícil porque passou a viver de bolsas de estudo e ajudava quase nada em casa, sendo sempre criticada. Vitória sempre quis ser professora, e desejava mostrar à sua família que a educação é o melhor caminho para a emancipação pessoal. Sua vida era a prova de que, antes de contar com um público que acreditasse no seu potencial, ela mesma tinha que ser a primeira a acreditar.

Com tantos dias ruins e lágrimas sendo derramadas dia e noite, não se perdeu do seu objetivo.

Estudar sempre foi sua paixão. Os livros eram seu esconderijo nos momentos que sentia medo, angústia ou vontade de fugir para longe. E ela fugia!

A jornada de Vitória nunca foi suave. Quando as lágrimas não escorriam em seus olhos, o seu coração sangrava em silêncio. Quem via aquela menina calma e sorridente e sempre disposta a ajudar o próximo, não imaginava que, por trás daquele sorriso, existia um coração em pedaços pedindo socorro. Vitória, com tantos motivos para desistir, foi forte e não abandonou a caminhada.

Concluiu sua faculdade. Começou a lecionar em uma escola na área infantil durante o dia. Criou um projeto que acontecia à noite, para ensinar pessoas da terceira idade a ler e escrever, o que deu muito certo. Cada conquista confirmava que todo o seu esforço valeu a pena.

Vitória sempre amou livros, mas nunca teve dinheiro para comprar. Ela não pedia aos seus pais para comprar porque eles achavam uma bobagem gastar dinheiro com livros. Seu sonho era ter uma biblioteca um dia, e sempre foi criticada quando falava desse sonho. No dia em que Vitória conquistou sua casa própria, a biblioteca passou a ser o seu cantinho favorito da casa.

As pessoas invejavam as conquistas de Vitória, mas nunca foram apresentadas à criança ferida que derramou rio de lágrimas para chegar aonde chegou.

Apesar das pedras que apareceram no caminho, Vitória nunca perdeu o foco no seu objetivo, conquistando, finalmente, a si mesma.

VIVICKA

O Artista e a Arte

Você desenha, pinta, escreve, insiste,
canta, dança, se atreve e resiste
em colorir a vida e nunca desiste
dessa simbiose espetacularmente vivaz
e angustiantemente ineficaz.

Para que serve a arte?
Abstração da alma, respiro da mente...
A todo momento quer sair, explodir e você sente...
Mas, se não vende, se esfacela, se torna esquecida,
se perde no tempo, na continuidade da vida.

E quem fica, não lembra.
Tudo se perde... Pode até reviver no secular,
mas você nunca saberá, não desfrutará,
morrerá triste pela inutilidade em dar prazer,
porque a ARTE não é só você.

Produzir algo belo, esteticamente, para o outro ver,
sentir, estremecer e receber
estonteante a admiração em ser e fazer,
é a droga mais pesada e letal
desse mundo numismal e banal.

VIVICKA



ISBN 978-65-87470-37-5



**INSTITUTO
FEDERAL**

Ceará

Campus
Limoeiro do Norte